Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

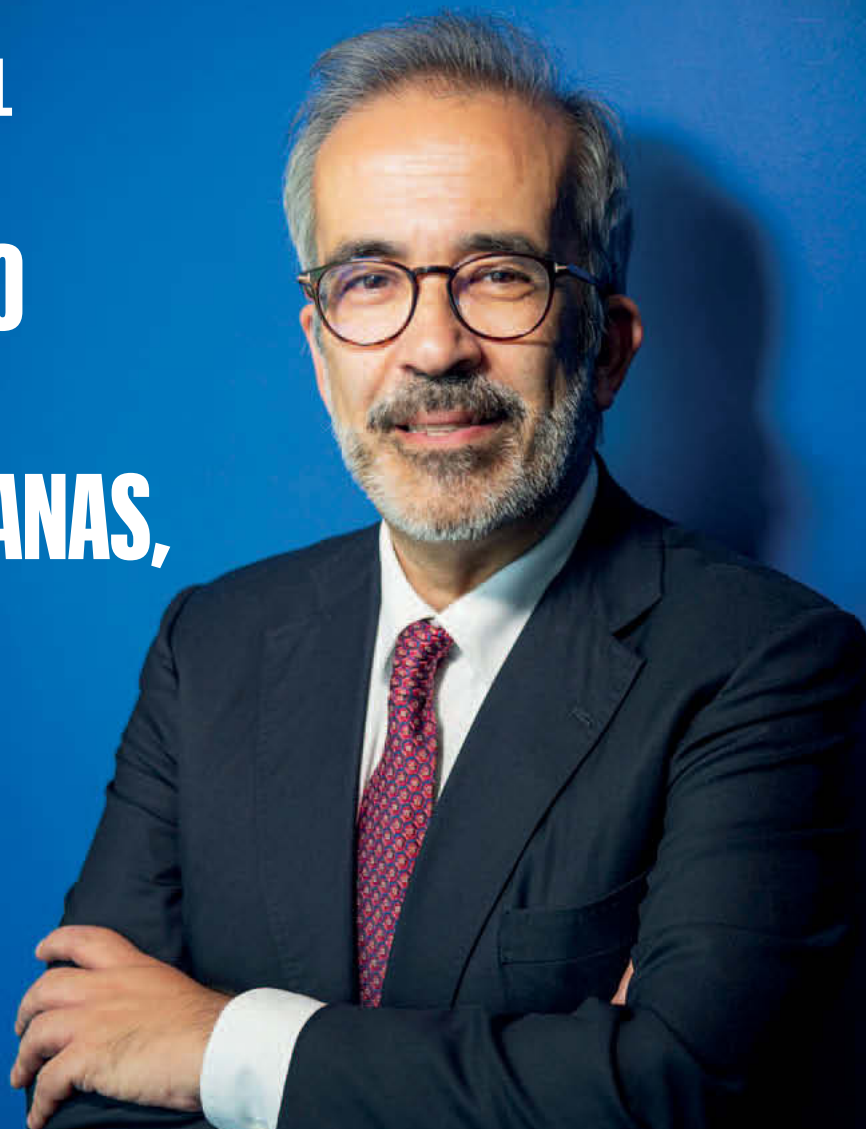
Diário de Notícias

www.dn.pt / Quarta-feira 24.7.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 706 / € 1,50 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

ENTREVISTA DN-TSF PAULO RANGEL

MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

"NÃO TENHO UMA VISÃO APOCALÍPTICA DO PÓS-ELEIÇÕES AMERICANAS, QUALQUER QUE SEJA O SEU RESULTADO"

De partida para a reunião do G20, no Rio de Janeiro, Paulo Rangel garante que o reforço de funcionários nos consulados para responder aos fluxos migratórios deverá concretizar-se em outubro. PÁGS. 4-7

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

PARLAMENTO EUROPEU

PORTUGAL NA CAUDA DAS ELEIÇÕES PARA ALTOS CARGOS PÁG. 8

IMIGRAÇÃO AIMA tem novo presidente: Pedro Portugal, ex-inspetor-geral da ASAE PÁG. 14

QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT JOSÉ CRESPO DE CARVALHO

PRESIDENTE DO ISCTE EXECUTIVE EDUCATION

"Ganhei, em miúdo, o concurso na areia e recebi uma bicicleta do DN. Grande dia" PÁG. 18

VENEZA 2024

Joker, mas também Almodóvar, Guadagnino e Jolie! PÁG. 26

Erasmus
Programa tem orçamento reforçado e cada vez mais interessados PÁGS. 16-17

Ciclismo
Volta a Portugal arranca com dois grandes candidatos PÁG. 24

Agricultura
Produção de azeite deverá ser ainda melhor do que a de 2023 PÁG. 20

EUA
Kamala Harris já tem nomeação garantida e procura "vice" PÁGS. 22-23

Até ver...

Rui Frias
Editor do Diário de Notícias

Let the Games begin!

Se alguma ideologia há da qual sou fiel devoto, aqui confesso, é a trégua olímpica. Comecei a praticá-la desde bem novo, arriscando mesmo a censura punitiva da minha mãe quando, em 1988, ainda com 10 anos de idade, me escapei da cama em silêncio de madrugada, até à sala, onde liguei a televisão no volume mínimo para seguir atentamente os 42 195 quilómetros de Rosa Mota até ao Ouro Olímpico. A alegria coletiva proporcionada pela proeza da nossa "menina da Foz" fez-me escapar impune e poupou-me um belo castigo pela infração das horas de sono, mas desde esses Jogos Olímpicos de Seul que é religiosamente assim: de quatro em quatro anos (com as devidas adaptações, como aconteceu com o adiamento dos últimos Jogos de Tóquio forçado pela pandemia), cumpro a minha trégua olímpica e, durante esses 15 dias de verão, escusam de me convidar para a praia ou para qualquer outro programa – a minha atenção está exclusivamente dedicada aos Jogos.

A partir da próxima sexta-feira, e durante duas semanas, tudo o que eu quero saber é quem será em Paris o novo rei da velocidade nos 100 metros do atletismo, a ginasta mais completa, o atirador mais certeiro ou o mais espetacular dos saltadores para a água. Perceber se alguém consegue contrariar os mesa-tenistas chineses ou as atiradoras coreanas. Descobrir nomes dos quais só nos apercebemos de quatro em quatro anos. Deslumbrar-me com as grandes proezas desportivas, mas também com as inspiradoras histórias de vida que ganham nos Jogos o palco devido, mesmo que por efémeros momentos.

De Michael Phelps, a *bala de Baltimore* que varreu as piscinas olímpicas durante quatro edições dos Jogos (2004 a 2016) para se tornar o recordista absoluto de medalhas na história (28, das quais 23 de Ouro), a Eric Moussambani, o nadador da Guiné Equatorial que se tornou acidentalmente uma das estrelas mais mediáticas dos Jogos de Sidney 2000 ao nadar sozinho numa eliminatória dos 100 metros livres, em notórias dificuldades, para terminar com o tempo mais lento de sempre e sob o aplauso em pé de mais de 17 mil espetadores – um feito para quem tinha aprendido a nadar apenas oito meses antes.

A verdade é que nos Jogos Olímpicos até o solene tiro com arco, com todo o silêncio e concentração que rodeiam aqueles segundos em que o atirador puxa a corda atrás e nos mantém a respiração em suspenso até largar a seta que vai percorrer 70 metros para atingir um alvo com 122 centímetros de diâmetro, me parece o mais excitante dos desportos, como pude vivenciar *in loco* em Atenas, em 2004, quando cobri para o DN o regresso dos Jogos a casa.

E não é sequer condição de interesse haver ou não atletas portugueses em competição – embora, claro, isso invoque sempre uma dose de emoção extra, capaz de fazer acreditar até ao último ensaio que, quem sabe, talvez seja dali que saia a mais improvável das medalhas (a propósito, a previsão da revista norte-americana *Sports Illustrated* aponta quatro pódios para Portugal nestes Jogos de Paris).

Infelizmente, a minha trégua olímpica é uma prática vetada a demasiadas pessoas ao redor do globo. Apesar do romantismo da ideia e dos apelos repetidos (do Papa à ONU) para que se respeite um período de tréguas durante os Jogos, os conflitos armados espalhados pelo mundo, de Gaza à Ucrânia, Níger, Myanmar, Sudão ou Síria, não vão parar nos próximos 15 dias. Na verdade, nem na Antiga Grécia isso terá acontecido – os gregos não cessaram as suas guerras uns contra os outros; a trégua olímpica serviu, sim, para proteger o local dos Jogos de qualquer ataque e permitir a livre circulação dos atletas que iam competir (muitos deles soldados). Pelo contrário, as únicas três vezes em que os Jogos não se realizaram foram todas devidas às Grandes Guerras Mundiais.

O próprio espírito olímpico do barão Pierre de Coubertin, fundador dos Jogos da Era Moderna, de promover a "aproximação dos povos" através do desporto, foi sendo progressivamente sequestrado pelos países que viram nos Jogos Olímpicos um palco político e ideológico – da propaganda nazi de Hitler, em 1936, até ao *doping* de Estado que proliferou nos anos da *Guerra Fria*, boicotes, vetos, ou a atual "fábrica" de campeões chineses, não faltam exemplos disso. "Uma guerra sem os tiros", equiparou Orson Welles, num ensaio publicado em 1945. Numa espécie de mundo ideal, esta bem poderia ser a única "guerra" em que nos focávamos, a cada quatro anos. *Let the Games begin!*

OS NÚMEROS DO DIA

500

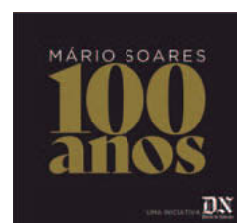
MILHÕES DE EUROS O primeiro-ministro português anunciou ontem, em Luanda, o reforço da linha de crédito Portugal-Angola em mais 500 milhões de euros.

POR CENTO A adesão à greve dos médicos que teve início ontem e se prolonga ao longo de todo o dia de hoje rondou os 70%, com cirurgias e consultas canceladas em várias regiões do país, disse a presidente da Federação Nacional dos Médicos.

919

MILHARES O Governo dos Açores revelou que mais de 919 mil residentes já viajaram interilhas a 60€ com a Tarifa Açores, que entrou em vigor em junho de 2021.

1,75

MILHÕES A produção de azeite ultrapassou os 1,75 milhões de hectolitros em 2023, o que corresponde à segunda campanha oleícola mais produtiva de sempre em Portugal, revelou ontem o Instituto Nacional de Estatística (INE).

24.7.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

85ª
VOLTA A PORTUGAL
Acompanhe toda a emoção da Volta. Saia para a rua, venha para a estrada.
24 JULHO A 4 AGOSTO 2024
24 PRÓLOGO Águeda (CRI)
25 1ª ETAPA Anadia (Sangalhos) Miranda do Corvo
26 2ª ETAPA Santarém Lisboa
27 3ª ETAPA Crato Covilhã
28 4ª ETAPA Sabugal Guarda
29 DIA DE DESCANSO Etapa da Volta RTP Guarda
30 5ª ETAPA Penedono Bragança
31 6ª ETAPA Bragança Boticas
01 7ª ETAPA Felgueiras Paredes
02 8ª ETAPA Viana do Castelo Fafe
03 9ª ETAPA Maia Mondim de Basto (Sª Graça)
04 10ª ETAPA Viseu (CRI)
PATROCINADOR PRINCIPAL
CONTINENTE
PATROCINADORES OFICIAIS CAMISOLAS
galp
Carclasse
PLACARD
PARCEIROS MEDIA
JN
ANTENA 1
CISION
DREAMMEDIA
NOVA EXPRESSÃO
PATROCINADORES OFICIAIS
JOGOS SANTACASA
Lusíadas Saúde
SABGAL
anicolor
URIAGE EAU THERMALE
Vitalis
ABTF betão
Europcar
.pt
RTP
THULE
CUBE
FORNECEDORES OFICIAIS
DELTA
VIÚVA LAMEGO
Bairrada
interpreu
EME
ISTO.
DOUBLET
waze
worldit
e-goi
SHIMANO
PRAXI SEGURANÇA
Digital Decor
CLASSIFICAÇÕES
Continental
ciclocoimbrões
CÂMARAS MUNICIPAIS
ÁGUEDA - ANADIA (SANGALHOS) - CANTANHEDE - MONTEMOR-O-VELHO - SOURE - CONDEIXA-A-NOVA - MIRANDA DO CORVO (OBSERVATÓRIO DE VILA NOVA) - SANTARÉM - CARTAXO - ALPIARÇA - ALMEIRIM - CORUCHE - SALVATERRA DE MAGOS - BENAVENTE - VILA FRANCA DE XIRA - LISBOA (MARVILA) - CRATO - CASTELO BRANCO - FUNDÃO - COVILHÃ (TORRE) - SABUGAL - PENAMACOR - BELMONTE - GUARDA - PENEDONO - BRAGANÇA - BOTICAS - FELGUEIRAS - MARCO DE CANAVESES - PAREDES - VIANA DO CASTELO - FAFE - MAIA - MONDIM DE BASTO (SRA. DA GRAÇA) - VISEU
PARCEIROS INSTITUCIONAIS
Turismo Centro Portugal
ALENTEJO
Infraestruturas de Portugal
Associação Salvador Parceiro Social
Centro de Informação Geoespacial do Exército
POLÍCIA SEGURANÇA PÚBLICA
GNR
ORGANIZAÇÃO
PODIUM EVENTS
FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE CICLISMO
UCI EUROPE TOUR
www.volta-portugal.pt · facebook.com/voltaaportugal · instagram.com/voltaportugal

Paulo Rangel

"Não tenho uma visão apocalíptica do pós-eleições americanas, qualquer que seja o resultado"

ENTREVISTA DN-TSF O ministro dos Negócios Estrangeiros está hoje na reunião do G20, a convite de Lula da Silva. Defende um reforço dos apoios aos países da CPLP e sublinha que Portugal é o maior cooperante de São Tomé e Príncipe, contrapondo ao recente acordo com a Rússia.

VALENTINA MARCELINO E **RICARDO ALEXANDRE** (TSF) FOTOS **REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS**

Neste momento, preocupa-o mais que o Orçamento do Estado seja chumbado ou a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos?
Sinceramente, devo dizer que nós, na vida, podemos ter várias preocupações ao mesmo tempo. Nunca temos só uma. Claro que umas, às vezes, nos preocupam mais que outras. Temos uma hierarquia, mas algumas são de natureza tão diferente que nem as comparamos. O que eu queria dizer é o seguinte: no que diz respeito à política interna de qualquer Estado e em particular de um Estado amigo, como são os Estados Unidos (EUA), o Governo português não tem posição e, portanto, será sempre uma relação Estado a Estado, qualquer que seja a Administração americana. Confiamos que esta relação é de tal maneira fundamental e está tão bem alicerçada e tão solidificada, tem corrido tão bem que, qualquer que seja o resultado das eleições americanas, não antecipo problemas de maior na relação bilateral entre Portugal e os Estados Unidos. Teremos sempre boas relações.
Aliás, durante do mandato de 2016/2020 de Donald Trump não houve propriamente grandes alterações na relação bilateral com Portugal. Mas e impacto nas relações transatlânticas?
Mesmo aí, se olharmos bem para os dois fios condutores da política norte americana, que tem impacto sobre nós – a Europa a Ocidente em geral – desde o início do século XXI, desde a Administração George Bush filho, Obama, Trump, Biden, o que vemos são dois pontos fundamentais: um é uma insistência enorme numa repartição equitativa da despesa militar, com a ideia de que os Aliados dos EUA têm de tomar em mãos aquilo que é a proteção da sua Segurança e da sua Defesa, contribuindo financeiramente e aliviando o esforço dos EUA. E isto não mudou com nenhum destes presidentes. Pode mudar o estilo, pode mudar a linguagem, mas de facto, nestes 24 anos que leva o século XXI, a política norte-americana teve esta constante. Aliás, a acentuar se sempre de presidente para presidente a ideia de que os Estados europeus deviam ter outro tipo de contribuição no quadro da NATO e no quadro das despesas de Segurança e Defesa. É uma. É uma evidência e é uma constante.

> *Aceitar o precedente de que um Estado, neste caso a Federação Russa de Putin, pode mudar as fronteiras internacionais com base na lei do mais forte levaria ao caos.*

Quando diz acentuou, quer dizer que a pressão vai aumentando?
Não, estou a dizer que Biden não foi menos exigente. Tanto não foi que tem 23 Estados já acima de 2%. Alguns nos quatro.
Portugal é que ainda não cumpre...
Portugal ainda não cumpre. Antecipou agora para 2029 a data que o Governo anterior tinha assumido para 2030 e adiantou um plano credível na última Cimeira da NATO, em Washington. Obviamente foi conversado e negociado antes, conduzido pelo Ministério da Defesa e o Ministério dos Negócios Estrangeiros, em estreita conexão seja com o primeiro-ministro e o ministro das Finanças. Mas queria dizer que há uma segunda constante, que é a viragem para o Indo-Pacífico, isto é, a ideia de que há hoje uma polaridade nova no Indo-Pacífico e isto, em parte, explica por que é que os EUA que, no fundo, lideram a NATO e o Bloco Ocidental, também tem estas exigências em termos de partilha dos custos de Segurança e Defesa e por que existe aqui uma nova polaridade. Está mais orientado para a relação no Indo-Pacífico também. E isto é uma constante com todos os presidentes. Não há nenhum, sinceramente, que não tivesse dado mais atenção a esse vetor...
No mínimo, desde Barack Obama...
Penso que vem de George Bush. Mas Barack Obama foi o grande teorizador, o que não é estranho, porque ele vinha do Havai e olhava para os EUA a partir do Pacífico. Estas coisas têm a sua influência na forma como se olha. Penso que ele compreendeu a importância da relação transatlântica. O que eu queria dizer com isto é que vale a pena olhar para aquilo que é realmente institucional, estrutural, e para aquilo que é constante na política norte-americana, e não para aquilo que são os ciclos políticos e os programas políticos. Nós temos uma relação excelente a todos os níveis, agora até a níveis insuspeitos, como os económicos. As empresas portuguesas estão presentes nos EUA como nunca estiveram. A questão do turismo, que é verdadeiramente surpreendente como, de repente, temos 2 milhões de americanos a visitarem Portugal.
Até a querem viver em Portugal...
E a quererem viver em Portugal. De repente há aqui, de facto, qualquer coisa que até é nova. A verdade é que as duas constantes estão lá e, portanto, não tem a ver. Por isso é que digo que encaro com naturalidade e sempre respeitando, como é evidente, a decisão do eleitorado norte-americano, sobre aquela que venha a ser a nova Administração. Com a desistência do presidente Biden da sua candidatura, haverá seguramente um novo presidente. Portanto, qualquer que ele seja, Portugal terá um relacionamento absolutamente institucional e que eu creio que correrá bem. Sinceramente, é a minha convicção profunda. A análise que faço destes 24 anos do século XXI, em que estas constantes, que às vezes nos são agitadas como problemáticas, já estão em desenvolvimento e estão a ser, aliás, claramente assumidas pelos norte-americanos há muito tempo.
Em relação à Rússia, antevê que possa haver algum tipo de alteração na política externa dos EUA e com impacto, obviamente, também para tudo o que tem sido a política da União Europeia (UE)?
Não creio que que vá haver alterações de monta.
As boas relações de Trump com Putin não pode ajudar a resolver a guerra na Ucrânia?
Não queria estar agora aqui a entrar em cenários que possam ter a ver com a política interna norte-americana. Mas é evidente que, tendo a Rússia violado a *Carta das*

Nações Unidas em relação à integridade territorial da Ucrânia, isto vai estruturalmente contra os eixos fundamentais da política norte-americana. Há uma coisa que os EUA sempre respeitaram, e que faz parte da sua idiossincrasia em termos de atuação internacional, que é a ideia de que não pode haver uma violação da integridade territorial, com base na simples lei da força. O grande problema, que nem sempre é entendido fora do perímetro europeu e americano, é que aceitar o precedente de que um Estado, neste caso a Federação Russa de Putin – não são os russos, nem é a Rússia enquanto tal –, pode mudar as fronteiras internacionais com base na lei do mais forte ou numa guerra de agressão, como está a ocorrer, levaria ao caos noutras partes do mundo. Não quero pensar o que seria se nós aceitarmos esse precedente em África, por exemplo. Uma das coisas que Portugal tem é este *soft power*, uma relação muito fácil, leal e de igual para igual, não apenas com os seus parceiros que falam português, mas com outros parceiros internacionais do que se chama agora o Sul Global. Se nós, por acaso, formos complacentes, cedermos à ideia de que pela força se podem mudar fronteiras, isto em alguns continentes, a começar pelo africano, terá um efeito extremamente negativo.

Aliás, onde a Rússia já está...

Onde a Rússia já está muito ativa, nomeadamente no Sahel, mas não só. Onde, para além disso, há conflitos. O caso do Sudão do Sul, o caso da República Democrática do Congo, por exemplo. No caso do Sudão do Sul, com consequências humanitárias catastróficas que, evidentemente nos põem em alerta. Portanto, a relação que os EUA tenham com a Federação Russa será sempre uma relação que nunca, julgo eu, vai passar esta linha vermelha que é a do respeito pela integridade territorial da Ucrânia. Portanto, não tenho uma visão apocalíptica ou catastrofista do pós-eleições americanas, qualquer que seja o seu resultado.

Por falar em influência russa em África: São Tomé e Príncipe assinou recentemente um acordo técnico-militar com a Rússia. O senhor ministro esteve lá na semana passada e suponho que foi tentar perceber que "vazio" é que tinha sido deixado por Portugal e perceber o que é que ainda podia ser feito...

Na área da Segurança e Defesa, somos os maiores cooperantes de São Tomé e Príncipe. Aliás, somos os maiores cooperantes em tudo.

Do ponto de vista da nossa cooperação na área da Segurança e Defesa, nós somos os maiores cooperantes de São Tomé. Aliás, somos os maiores cooperantes em tudo, mas em particular na Segurança e Defesa. Portanto, não existe nenhum problema entre os dois Estados sobre isso. Mas é importante dizer que há, realmente, uma necessidade de nós, neste caso Portugal, mas não só, também a UE, darmos atenção a estes Estados, que são Estados que têm necessidades muito grandes, não apenas na área da Segurança e Defesa, mas em muitas outras áreas e onde às vezes um esforço e uma atenção maior da comunidade internacional pode suprir algumas vulnerabilidades.

Mas sentiu o porque São Tomé sentiu esta necessidade de fazer o acordo com a Federação Russa?

Todos estes países – e no caso de São Tomé isso é evidente – têm imenso material de fabrico ainda Soviético, muito dele obsoleto, outro que ainda está, apesar de tudo, utilizável. Isso explica por que é que por vezes se vai ao encontro do apoio da Federação Russa, onde ainda há o material para permitir a operacionalidade do que está disponível ou, para algumas atualizações que permitem reutilizar equipamentos.

Obviamente que a Federação Russa se mostra disponível para isso...

Também há aqui uma tentativa de marcar o terreno por parte da Federação Russa no plano.

É um país estratégico, situado numa zona muito importante...

Tem um valor geopolítico enorme. De algum modo estava pressuposto na pergunta que fez. E se é esse o pressuposto, eu verdadeiramente o subscrevo enfaticamente que Portugal, os Estados da UE e os EUA têm de fazer mais na sua cooperação. O facto de alguns Estados, quaisquer que sejam, estarem a cooperar com a Federação Russa ou com a China ou com outras potências, não deve fazer com que nós desistamos. É uma pedagogia que eu tenho feito muito, especialmente na UE, em que às vezes exponho algumas condicionalidades para os apoios à cooperação. Se têm outros parceiros, não é por isso que nós não devemos estar a cooperar. Pelo contrário, devemos reforçar a nossa cooperação e, portanto, isso é um ponto que, na minha ótica, é fundamental. Com São Tomé as relações são as melhores possíveis. Há uma coisa muito importante que valia a pena ter presente. São Tomé esteve na Conferência de Paz de Zurique, votou ao lado de Portugal na condenação da agressão russa da Ucrânia. Ainda recentemente delegou em Portugal um voto importante sobre esta matéria na Assembleia-Geral. Foi Portugal que votou em nome de São Tomé. Portanto, sobre esse ponto de vista, há um alinhamento que eu acho que não causa nenhum incómodo. Agora, nós temos é de aumentar a nossa cooperação. E isto não vale apenas para Portugal, vale também para a UE. Podemos ser mediadores importantes, fazer ver os nossos parceiros da UE que, às vezes, com o investimento que, para a UE, signi-

continua na página seguinte »

» **continuação da página anterior**

fica pouco, tem um efeito reprodutor e multiplicador em Estados mais pequenos. No caso de São Tomé, estados mais vulneráveis e com orçamentos limitados, com muitas dificuldades económicas e financeiras e onde a nossa cooperação pode ter efeitos de facto muito benéficos. Uma coisa que é extraordinária – deixe me dizer aqui, porque não consigo deixar de dizer depois de ter estado estes dias na CPLP –, é a nossa cooperação na área da Saúde. Vale a pena ver como os índices de Saúde Pública têm mudado graças à cooperação que temos e grande parte dela já é feita com meios tecnológicos de Telemedicina, que eu vi a funcionar na prática. É realmente impressionante como se pode, de facto, fazer a diferença. Também a Escola portuguesa em São Tomé é exemplar a vários títulos. De facto, sinceramente, é um país amigo, um país irmão e que teve aqui um desafio muito grande, que foi a presidência da CPLP, que cumpriu com uma eficiência e uma capacidade de resposta que pede meças a muitos Estados com meios mais sofisticados.

Está previsto algum reforço do orçamento para a cooperação com estes países?

Sim, como se verá em breve. Sobre isso não posso adiantar muito. O nosso apoio orçamental a São Tomé será efetivo, tem sido sempre. Há ali algumas lacunas estruturais. Há um exemplo muito bom da cooperação portuguesa que já está a ser efetivado com Cabo Verde e está acordado com São Tomé, que é a transformação da dívida em investimento verde.

Um perdão da dívida?

Um perdão da dívida que depois é investido em combate às alterações climáticas. Este programa inovador foi desenvolvido por Portugal com Cabo Verde e depois logo replicado para São Tomé. Tem sido considerado exemplar em todo o lado, a começar pelas Nações Unidas. Um modo exemplar de cooperação com os Estados em desenvolvimento e que, no caso de São Tomé, queria chamar a atenção, tem de estar ligado muito às energias renováveis. Porque o problema principal de São Tomé, até do ponto de vista financeiro, segundo nos dizem as autoridades, e que depois é constatado quando estamos no terreno, é o problema de um *deficit* energético crónico, mas com a capacidade de produção de energias renováveis. É possível mudar estruturalmente este défice. Não é num ano, não em dois, não em três, mas no médio prazo. E isso mudará claramente as condições de vida em São Tomé. Portanto, apostar nesta ideia da conversão da dívida em investimentos que de uma forma ambientalmente sã deem fontes energéticas próprias, autonomia energética a São Tomé é um programa de cooperação exemplar, como está a funcionar com Cabo Verde. Esta solução, que é uma solução portuguesa, neste momento está a ser estudada e replicada por muitos outros Estados como uma solução exemplar.

No recentemente anunciado *Plano de Ação para as Migrações*. O Governo assegurou que ia ser feito um reforço nos postos consulares com cerca de 50 especialistas. Passado cerca de um mês desse anúncio, pode dizer-nos em que ponto é que está esse reforço? Que postos vão ser reforçados? Quando vai estar a funcionar em pleno e qual a previsão dos fluxos migratórios com essa origem?

Antes do mais, deixe me dizer que já está a decorrer – e não tem nada a ver com o *Plano para as Migrações* – um concurso para 128 funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros, grande parte deles já seria para poder virem a trabalhar em postos consulares ou na atividade consular, mesmo que fossem em Lisboa. Para além do mais, estamos a distribuir 2000 equipamentos de computadores por toda a rede consular. Isto são coisas independentes desses 50 especialistas sobre os quais eu vou já falar. Mais, estamos a mudar alguns equipamentos biométricos. Vou dar aqui um exemplo concreto, a Guiné-Bissau, onde se passou a usar o reconhecimento facial para o agendamento. E isso não só se mostrou uma medida que elimina a fraude, de que há muitas vezes ecos, como permitiu uma grande eficácia. É uma experiência a replicar noutras e estamos a trabalhar nessas frentes. Agora, em relação à contratação de 50 novos especialistas. Neste momento, tudo está pronto para que o concurso seja aberto no final de agosto. Até agora não parámos um minuto. Estamos a cumprir as regras legais para abrir um concurso e julgo que no final de setembro as candidaturas estarão concluídas e que em outubro, estaremos em condições de ter estes 50 novos especialistas e que poderão ser deslocados para postos consulares, com alguma flexibilidade. Isto é, quando há um grande afluxo ou quando há a necessidade de substituir alguém.

> *O facto de alguns Estados, quaisquer que eles sejam, estarem a cooperar com a Federação Russa ou com a China ou com outras potências, não deve fazer com que nós desistamos.*

Estamos a falar nos países CPLP?

Estamos a falar de toda a rede consular.

Mas a prioridade não vai ser para a CPLP, Brasil, Angola, por exemplo?

Isso é outra questão. Evidentemente que estamos a falar daqueles postos onde há mais procura e entre eles contam-se alguns desses. Mas também temos, por exemplo, a Índia, nomeadamente em Nova Deli, onde há fluxos migratórios mais sazonais. É preciso resolver essas questões e é com essa flexibilidade de resposta que esta equipa estará pronta, justamente no primeiro momento possível. Não houve aqui nenhuma inércia. Estamos a dar toda a velocidade e todos os passos para que tudo possa correr de forma a que, no final de agosto, o concurso seja aberto e as pessoas possam aceder à plataforma, candidatar-se e depois possam ser providas nos seus postos, depois de encerrado o concurso no final de setembro.

Mas é preciso perceber que o problema das migrações não depende apenas dos postos consulares. A emissão de vistos depende imensas vezes de pareceres. Desde logo da AIMA ou da Unidade de Coordenação de Fronteiras Estrangeiros (UCFE). Muitas vezes o posto consular está preparadíssimo para emitir os vistos ou para os recusar e ainda está a aguardar alguns pareceres. Outra questão, a grande questão das migrações, em Portugal neste momento – e atenção que eu não estou a desvalorizar o papel que os postos consulares têm e que os vistos têm – são as 400 000 pessoas ou cerca de 400 000 que estão às portas da AIMA, dito de uma forma figurada.

E a falta de capacidade desses órgãos...

Esta é que é a questão. A forma como foi extinto o SEF é altamente censurável. Foi de facto uma irresponsabilidade que teve como consequência esta situação em que nos encontramos. Temos de olhar para isto do ponto de vista administrativo, como algo muito difícil para a Administração Pública, mas, ao mesmo tempo, pensar na vida destas pessoas, centenas de milhares de pessoas. Isto também é muito preocupante. Foi uma responsabilidade sobre o duplo ponto de vista.

Estamos a falar de António Costa e José Luís Carneiro?

A responsabilidade é do Governo anterior. Claro que tinha titulares, mas eu não ando à procura de uma culpa pessoal. Há, sem dúvida uma responsabilidade do anterior Governo pela situação que herdámos. Basta ver o tempo que demorou entre a extinção do SEF e o lançamento do novo modelo. Basta ver isso para perceber que as coisas estavam todas muito mal, não é? Não só o modelo demorou – e foi pena não se ter aproveitado as sinergias que se tinha antes –, como, para além disso, ficou paralisado porque havia uma incerteza institucional e os próprios funcionários, os dirigentes estavam à espera de perceber qual era o novo quadro. Tudo isto agravou um problema que, já de si, tinha contornos sérios.

Tem defendido a necessidade do cessar fogo na guerra em Gaza. Presumo que também defende a libertação de todos os reféns israelitas. Após isso, o Governo vai reconhecer o Estado palestiniano?

Essa é uma questão que está em permanente avaliação. Qual é o racional da posição portuguesa? Primeiro, condenação total dos ataques do Hamas do 7 de Outubro e defesa intransigente da libertação dos reféns. Isto é claro. Depois, a aceitação de que Israel tem direito à legítima defesa. Agora, não há dúvida de que há aqui um excesso e uma verdadeira desproporção da legítima defesa. Isso é condenável. A situação humanitária em Gaza é inaceitável.

Como é que se traduz politicamente o facto de considerarem isso inaceitável, se

não mexem sequer no acordo de cooperação UE/Israel?
Calma, já lá vamos. Eu agora estava a falar de Portugal. Temos defendido sistematicamente um cessar-fogo imediato e independente de condições para permitir que haja, desde logo, um apoio humanitário urgente. Porque aquele que chega, para além de ser escasso, não é suficiente. Quando chega, não tem condições para ser eficaz. Quer dizer, ainda é menor do que aquilo que efetivamente é, porque depois, no terreno, não existem as condições para distribuir a ajuda humanitária de forma o mais eficiente possível. Dito isto, não tenho dúvidas nenhumas de que temos de trabalhar numa solução que leve Israel a conter e a parar esta operação para permitir isso. É o que Portugal tem feito. Portugal tem vindo a defender sistematicamente, por exemplo, um apoio enorme à Autoridade Palestiniana. Portugal foi, juntamente com a Grécia e Dinamarca, mas fomos nós que propusemos no contexto do Conselho da UE e do Conselho Negócios Estrangeiros, que haja um reforço enorme do apoio financeiro institucional ao atual Governo da Autoridade Palestiniana e, em particular, aos esforços do primeiro-ministro Mohammed Mustafá. Temos sido nós a liderar esse esforço. Portugal, numa iniciativa inédita em toda a história diplomática portuguesa, votou a favor da admissão da Palestina como membro de pleno direito das Nações Unidas. Já tinha sido um Governo da AD, com o ministro Paulo Portas, a fazer o estatuto de observador e, agora, foi outro a fazer isto. Todos falam muito, mas a verdade é que não o fizeram antes. Não tiveram ações deste teor. Este é um aspeto que, para nós, é muito importante e que nos criou uma possibilidade de sermos mediadores dentro da UE. É verdade que no Conselho da UE – e isto vai entroncar na pergunta que acabou de pôr – há divergências sérias e grandes, e Portugal tem sido uma voz muito ativa na promoção de um entendimento maior e do apoio à Autoridade Palestiniana, do apoio às iniciativas dos países árabes. A Arábia Saudita, o Qatar, Omã, no Bahrein, a Jordânia, os Emirados Árabes Unidos, o Egito têm sido altamente construtivos. É uma pena que Israel não aproveite este momento em que tem, do lado dos interlocutores árabes, uma proposta altamente construtiva, praticamente idêntica àquela que fez o presidente Biden. É absolutamente extraordinário como não se aproveita este momento para justamente dar esse passo.

Só com um novo Governo em Israel?
Provavelmente será assim. Eu também não me quero imiscuir agora nos assuntos internos de Israel.

Mas está mais preocupado do que estava com a possibilidade de escalada do conflito?
Estou mais preocupado, especialmente depois do fim de semana anterior. Já estava sempre preocupado, porque acho que esse risco é um risco iminente, porque até qualquer acidente ou algo não-intencional ou um efeito colateral pode ter imediatamente consequências desproporcionais. Mas neste momento, com o que vemos do Hezbollah, com o que vemos no Iémen, as perspetivas não são nada animadoras. Pelo contrário, são de molde a suscitar a maior preocupação no quadro disto tudo. Com os nossos parceiros europeus, acompanhamos a questão de um eventual reconhecimento. Não é nada que nos crie nenhuma objeção de raiz. Achamos que, neste momento, com o papel que Portugal tem tido de charneira, como lhe digo até mais recentemente, juntando-se a nós a Grécia e a Dinamarca, a situação em que estamos é aquela que é recomendável para o Estado português. Mas estivemos sempre em conversações com a Espanha, com a Noruega, com a Irlanda, com a Eslovénia, com a Bélgica e com a França. Também um permanente diálogo com a Grécia e com a Dinamarca, que têm tido exatamente a mesma posição que Portugal nos diferentes conselhos da UE, inicialmente não-concertada, ou seja, espontaneamente dos três, e por isso é que criámos uma espécie de *task force*, totalmente informal, mas que levou de facto a esse gesto.

Agora a questão da tal reunião do Conselho de Associação (para rever o acordo com Israel), que eu acho que era muito importante mas não pode ser *business as usual*, tem de ser, de facto, para pressionar de forma clara Israel, porque consideramos que neste momento a situação em Gaza e até na Cisjordânia, por causa da expansão dos colonatos, que Portugal tem vindo a condenar sistematicamente, merece uma censura e a UE devia atuar em conformidade. Por isso, não tenho nada contra que haja uma reunião deste Conselho da Associação. O Alto Representante [da UE para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança] já tem envidado esforços nesse sentido, desde que a agenda se pronuncie justamente sobre estas questões e não apenas sobre aquelas que seriam as normais ou mais regulares. Um Acordo de Associação normalmente tem uma índole mais económica, não é?

> *É uma pena que Israel não aproveite este momento em que tem, do lado dos interlocutores árabes, uma proposta altamente construtiva, praticamente idêntica à do presidente Biden.*

Deixe-me perguntar sobre um tema sobre o qual o anterior Governo sempre manteve silêncio, que tem a ver com os familiares dos antigos jihadistas portugueses que combateram pelo Estado Islâmico. Há mulheres e crianças em campos de detenção e outros países europeus estão a começar a trazer essas pessoas e a iniciar processos de desradicalização, quando é esse o caso. Qual é a posição do Governo português quanto a isso?
Sobre esse assunto não vou dizer rigorosamente nada, porque acho que não devo dizer, porque é um assunto extremamente sensível que merece a atenção do Governo português e que é avaliado de acordo com critérios próprios, em diálogo com os nossos parceiros internacionais. É um assunto de tal maneira sensível que é mesmo minha obrigação não falar sobre ele.

Quando esta entrevista for para o ar, deverá estar no Rio de Janeiro para a reunião do G20, como convidado pelo Brasil, onde vai ser lançada a Aliança Global contra a Fome e a Pobreza. O senhor é o número dois do Governo de um país com mais de 12% da população em insegurança alimentar moderada ou severa, acima da média de 8,5% da Europa do Sul. O que tem Portugal para dizer ao G20 nesta matéria?
Em primeiro lugar, deixe me dizer que nós temos de estar muito reconhecidos ao Brasil e ao presidente do Brasil por ter convidado Portugal e, já agora, também Angola, durante a presidência do G20. Isto é uma oportunidade única que os nossos governantes, os membros do Governo, têm usado de uma forma extraordinária. É um palco único para Portugal e isso é uma coisa que resultou de um gesto, eu diria, estratégico, do Brasil. Agora, na cimeira ministerial da CPLP, na reunião de ministros dos Negócios Estrangeiros, tive oportunidade de elogiar. Porque para a CPLP, para Angola e para Portugal, em particular, mas também para todo o espaço de língua portuguesa, aquilo que o Brasil fez foi, obviamente, uma enorme projeção. Agora, vamos apoiar completamente a iniciativa que o presidente Lula lança de uma Aliança Global contra a Fome e a Pobreza, que pode ter efeitos práticos visíveis até ao final da década, o que é espantoso, se realmente houver vontade política dos atores internacionais para o fazer. Portugal vai estar na linha da frente daqueles que estão a apoiar o Brasil e a sua agenda no G20 para podermos erradicar a fome e, no caso português, muito em linha com o México numa atuação conjunta, olhar muito para o que nós chamamos a pobreza intergeracional, a pobreza e a fome infantil e juvenil, e para aqueles fatores que a perpetuam e que, no fundo, são uma herança. É como se a herança que se pudesse deixar aos filhos e aos netos fosse a herança da pobreza e da fome, que obviamente não é o que nenhum avô e pai deseja. E, portanto, a comunidade internacional tem de se mexer. É uma grande oportunidade. Esta é uma agenda que tem enorme valor moral no plano mundial e, por isso, sinceramente, mais uma vez digo, estamos gratos ao Brasil e vamos aproveitar a 100% a oportunidade que o Brasil nos deu para projetarmos os valores que Portugal defende.

O ministro dos Negócios Estrangeiros Paulo Rangel é agora o número dois do Governo para um dia voltar a tentar ser número um do PSD ou, para si, é um assunto arrumado?
É um assunto arrumado. Sinceramente, não vislumbro isso no meu horizonte.

Portugal está à frente de apenas dois países nos altos cargos do Parlamento Europeu

CAUDA DA EUROPA Falta de experiência dos 21 eurodeputados portugueses, quase todos eleitos pela primeira vez, levou à perda de influência. Alemanha e Itália distanciam-se de França por causa do "cordão sanitário" aos Patriotas.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

A eleição dos presidentes e vice-presidentes das comissões e subcomissões do Parlamento Europeu, realizada ontem de manhã, confirmou os sinais de perda de influência de Portugal em Estrasburgo e Bruxelas. A socialista Marta Temido foi a única, de entre os 21 eurodeputados eleitos pelos portugueses a 9 de junho, a obter um cargo de destaque, tornando-se a primeira vice-presidente da Subcomissão de Direitos Humanos, pelo que apenas dois dos 27 Estados-membros da União Europeia (Chipre e Eslovénia) estão ainda menos representados, sem nenhum eleito na mesa da presidência ou entre os presidentes e vice-presidentes das 20 comissões e quatro subcomissões na legislatura que arrancou na semana passada.

Nas últimas semanas era voz corrente no Parlamento Europeu que a enorme renovação da delegação portuguesa, com apenas a social-democrata Lídia Pereira (que continua vice-presidente do Partido Popular Europeu) a transitar da legislatura anterior, teria consequências negativas. Responsáveis pelos grupos políticos e pela liderança do Parlamento Europeu coincidiam na previsão de que seria impossível repetir a presença de eurodeputados nacionais em lugares de destaque nas comissões, o que tende a implicar longos anos de experiência em Estrasburgo e Bruxelas.

RITA FRANÇA / GLOBAL IMAGENS

Silva Pereira saiu e Marta Temido entrou no Parlamento Europeu.

> Lugares de destaque nas comissões tendem a implicar longos anos de experiência no Parlamento Europeu.

Os principais partidos optaram por fazer um *reset* nos seus candidatos, o que começou logo no rescaldo das Legislativas, quando Luís Montenegro chamou Paulo Rangel, José Manuel Fernandes, Maria da Graça Carvalho e Cláudia Monteiro de Aguiar (PSD), bem como Nuno Melo (CDS) para o seu Governo, promovendo a saída da maioria dos representantes nacionais do Partido Popular Europeu. O que foi reforçado quando Pedro Nuno Santos decidiu renovar completamente a lista do PS, prescindindo de todos os eurodeputados socialistas da legislatura anterior, incluindo veteranos como Pedro Silva Pereira e Margarida Marques, e os ex-ministros Pedro Marques e Maria Manuel Leitão Marques.

Perante isto, e o estatuto de recém-chegados dos eleitos do Chega, Iniciativa Liberal, Bloco de Esquerda e PCP, não foi uma surpresa que Portugal tenha menos altos cargos no Parlamento Europeu do que nove países que elegeram menos eurodeputados.

Nos antípodas de Portugal encontram-se os países mais populosos da União Europeia, a começar pela Alemanha, que tem dois vice-presidentes do Parlamento Europeu, bem como sete presidentes e dez vice-presidentes de comissões, num total de 19 altos cargos, logo seguida pela Itália, que também tem dois vice-presidentes, dois presidentes de comissões e 13 vice-presidentes.

Mas o cordão sanitário em relação aos dois grupos mais à direita no hemiciclo, nomeadamente aos Patriotas pela Europa (que inclui os dois eurodeputados do Chega e constitui a terceira "família" mais numerosa, só atrás do Partido Popular Europeu e dos Socialistas & Democratas), contribuiu para que a França esteja muito sub-representada nos lugares de destaque, face à exclusão da Reunião Nacional, que foi o partido que viu mais eleitos tomar posse em Estrasburgo. Os franceses têm apenas um vice-presidente e um questor (que trata de assuntos financeiros e administrativos dos restantes eurodeputados) na mesa do Parlamento Europeu, duas presidências de comissão e seis vice-presidências, num total de 10 altos cargos. E vê-se ultrapassada por países com menos eleitos, como Espanha (dois vice-presidentes, três presidentes de comissões e oito vice-presidentes) e a Polónia (uma vice-presidente, um questor, três presidentes de comissões e seis vice-presidentes).

Há ainda casos de países em que grande parte dos eurodeputados têm lugares de destaque: o Luxemburgo tem um questor e dois vice-presidentes de comissões entre seis eleitos. E embora Malta só tenha um alto cargo entre seis eleitos, conta com a presidente (reeleita) do Parlamento Europeu, Roberta Metsola.

Temido é a única vice-presidente

Marta Temido foi ontem eleita vice-presidente da Subcomissão de Direitos Humanos, sendo a socialista a única de entre os 21 portugueses a obter um lugar de destaque no Parlamento Europeu. Na semana passada, aquando da eleição dos 14 vice-presidentes da maltesa Roberta Metsola, confirmou-se que ninguém seguiria os passos de Pedro Silva Pereira (PS) na legislatura anterior. Foram então vice-presidentes de comissões Margarida Marques (Orçamento), Maria Manuel Leitão Marques (Mercado Interno), Maria da Graça Carvalho (Pescas), José Gusmão (Assuntos Monetários e Económicos), Sandra Pereira (Emprego) e Francisco Guerreiro (Agricultura).

Fernando Frutuoso de Melo é chefe da Casa Civil desde 2016, nomeado por Marcelo Rebelo de Sousa.

GERARDO SANTOS / GLOBAL IMAGENS

Chefe da Casa Civil admite "desconforto", mas nega favor da parte de Belém

CASO DAS GÉMEAS Fernando Frutuoso de Melo foi ouvido no Parlamento. Nas mais de três horas em que respondeu aos deputados, deixou pontas soltas, recusou ter falado com Nuno Rebelo de Sousa e com Marta Temido e garantiu: o caso foi tratado como qualquer outro.

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO**

A primeira admissão veio logo na declaração inicial de Fernando Frutuoso de Melo na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI): o caso das gémeas luso-brasileiras "foi tratado como qualquer outro" e seguiu o "procedimento padrão" em relação a este tipo de situações. Há, no entanto, uma diferença: quando enviou o *e-mail* para o gabinete do primeiro-ministro, o chefe da Casa Civil do Presidente da República decidiu "deliberadamente omitir a identificação de quem pediu ajuda para as gémeas." Esse "quem" era Nuno Rebelo de Sousa, filho do Presidente da República.

Ainda assim, deixou um ponto bem claro: "Não houve qualquer favor por parte da Presidência da República." E garantiu ainda: "Não falei com a ministra da Saúde [Marta Temido]."

Relembrando que há "milhares" de pedidos semelhantes a chegar a Belém, Frutuoso de Melo recuou até 2019, quando houve duas outras crianças, Matilde e Natália, que receberam o mesmo tratamento das gémeas luso-brasileiras. Três meses depois, surge o contacto de Nuno Rebelo de Sousa, questionando se havia algo a fazer. A 29 de outubro desse ano, o filho do Presidente questionou o que podia dizer "aos pais das bebés", que estavam "desesperados". A resposta: "A prioridade é dada aos casos a ser tratados nos hospitais portugueses."

> *"Nunca falei com a ministra da Saúde [Marta Temido] sobre o caso. O caso foi tratado como qualquer outro. A questão da lista de espera foi um erro de perceção da minha parte (...)".*
>
> **Fernando Frutuoso de Melo**
> *Chefe da Casa Civil*

Fernando Frutuoso de Melo enviou então uma carta com o pedido de Nuno Rebelo de Sousa (cujo nome foi omitido, para não haver identificação de quem era o remetente original), anexando-lhe dois relatórios médicos. "A intervenção da Casa Civil terminou aqui", garantiu.

No entanto, foram deixadas pontas soltas. Em resposta a João Almeida, do CDS-PP, Fernando Frutuoso de Melo disse que o filho do Presidente da República se queixou da burocracia de todo o processo e assume que Nuno Rebelo de Sousa "não teve a resposta que desejava". Que desejo era este? Frutuoso de Melo recusa fazer uma interpretação.

Por responder ficou também a questão: foi este o único pedido que Nuno Rebelo de Sousa fez chegar à Presidência? "Não posso jurar que tenha sido o único, mas foi certamente o mais relevante." O chefe da Casa Civil acrescentou ainda que, "desde o primeiro dia", o Presidente da República foi claro, ao dizer que "família de Presidente não é Presidente. Filho de Presidente não é Presidente". Mas sentiu "algum desconforto" quando lidou com o caso, admitiu.

Dizendo não conhecer as motivações de Nuno Rebelo de Sousa ao enviar o pedido para a Presidência, Frutuoso de Melo considera que o "*dossier* ficou fechado a a 29 de outubro de 2019", quando remeteu a última resposta por *e-mail*. Depois dessa data, não tem conhecimento de mais nenhum contacto da Presidência da República com o filho do Presidente.

Outra garantia que deixou na CPI foi a de que a Casa Civil não contactou o Hospital de Santa Maria. Quem o fez terá sido Maria João Ruela, assessora presidencial para os assuntos sociais e comunidades [que será ouvida hoje às 14.30 na CPI]. "Tentou perceber como se procedia nestes casos", após o contacto de Nuno Rebelo de Sousa – com quem, aliás, Frutuoso de Melo negou falar "regular ou irregularmente. É um conhecido".

Marcelo decide na próxima semana se vai depor

Por sua vez, o Presidente da República remeteu para a próxima semana uma decisão para o seu depoimento na CPI.

Questionado sobre a sua decisão de responder ou não perante os deputados, afirmou: "Para a semana depois direi qual é a minha posição sobre a carta."

Marcelo Rebelo de Sousa foi notificado para depor perante os deputados, tal como António Costa e Augusto Santos Silva. Segundo a lei, os três podem responder por escrito, não estando obrigados a ir presencialmente ao Parlamento.

CPI decide sobre queixa contra advogado

Antes da audição de Maria João Ruela (hoje, às 14.30 horas), os deputados vão discutir a possibilidade de avançar com uma queixa por desobediência junto do Ministério Público contra Wilson Bicalho, advogado da mãe das gémeas. Em causa está o facto de o causídico não ter entregue os documentos ligados à apólice da seguradora brasileira AMIL, celebrada com a mãe das meninas. Daniela Martins considera o pedido ilegal. Esta "não é uma questão de sigilo, mas de desrespeito com a Assembleia e a CPI", considerou o deputado António Rodrigues (PSD), antes dos trabalhos de ontem.

Opinião
Susana Amador

Portas escancaradas... para a proteção e defesa dos Direitos Humanos? Sempre!

1 Nos últimos tempos, em particular em Portugal, tem sido acentuada a necessidade de termos portas abertas… mas não escancaradas para os migrantes. Uma frase que, embora aparentemente inócua, encerra em si um programa. E esse programa passa pelo fecho de fronteiras e recusas de entrada de centenas de pessoas, como já está a acontecer.

2 O Estado da Nação , deve ser também o debate sobre o estado da proteção e defesa dos Direitos Humanos e a detenção de cidadãos e crianças não pode passar ao lado.

3 As associações de imigrantes tiveram a oportunidade de manifestar a sua posição e foram recebidas recentemente pelo Presidente da República. É importante recuperar pendências, é importante reforçar recursos humanos e simplificar procedimentos, mas é também central respeitar compromissos internacionais e não deixar que ninguém fique para trás, como nos interpela a Agenda 2030.

4 Foi recentemente divulgado o relatório intitulado *Nesta jornada, ninguém se importa se você vive ou morre*, produzido pelo ACNUR, a Agência das Nações Unidas para os Refugiados, e o Mixed Migration Centre que alerta para a realidade brutal enfrentada por aqueles que atravessam o continente africano em direção à Europa.

5 Segundo os autores do documento, mais pessoas morrem nas rotas terrestres do que na travessia marítima pelo Mediterrâneo.

A falta de dados dificulta a realização de projeções precisas, mas estima-se que milhares de pessoas morram todos os anos nessa perigosa jornada. Entrevistando mais de 31 mil refugiados, os especialistas constataram que as mortes no deserto "são duas vezes mais frequentes do que as ocorridas no mar".

6 Além disso, os migrantes enfrentam tortura, sequestros, tráfico de seres humanos, violência sexual, detenções arbitrárias e expulsões coletivas ao longo do caminho. Vincent Cochetel, emissário especial do ACNUR para o Mediterrâneo Central e Ocidental, relata que todos os migrantes que atravessam o Saara costumam encontrar corpos ao longo do caminho, destacando a gravidade da situação.

7 Este relatório reconhece que há uma lacuna persistente de dados e atribui o fluxo de migrantes a conflitos armados, choques económicos, repressão de Direitos Humanos e ao impacto das mudanças climáticas. Sabe-se que pelo menos 785 pessoas perderam a vida ou desapareceram nas rotas do Mediterrâneo durante o primeiro semestre deste ano.

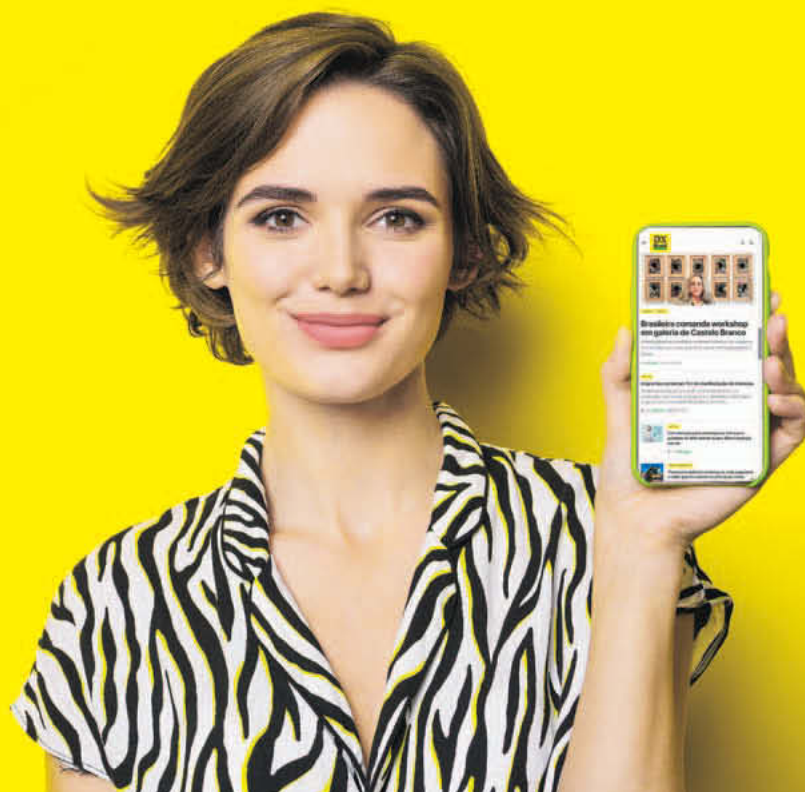
8 Apesar dos inúmeros desafios, sacrifícios e perigos enfrentados pelos migrantes, o relatório aponta para um aumento no número de pessoas que optam por essa rota, em parte devido à frágil situação em diversos países africanos, mas também influenciado pelas alterações climáticas e desastres naturais.

9 Num cenário alarmante, o documento ainda destaca que centenas de pessoas foram vítimas de tráfico de órgãos, muitas vezes sem seu consentimento.

10 Estima-se que 1180 pessoas tenham perdido a vida durante a travessia do Deserto do Saara entre janeiro de 2020 e maio de 2024. De acordo com o relatório, o número real pode ser efetivamente muito maior.

Diante deste quadro desolador é urgente que sejam tomadas medidas eficazes para proteger os refugiados e migrantes que buscam uma vida melhor, pelo que é imperativo o combate à violência, à exploração e tráfico de seres humanos ao longo dessa perigosa jornada e nesse sentido nenhum país Europeu deve fechar portas ao sofrimento alheio.

Nenhum *Plano de Ação para as Migrações* deve ser indiferente a esse sofrimento, pelo que desejamos que Portugal não escolha esse caminho, até porque nunca foi essa a nossa tradição humanista, nem é esse o apelo da Comunidade Internacional.

Jurista / Ex-Deputada / Presidente da Assembleia Municipal de Loures / Dirigente Nacional do PS

Opinião
Pedro Tadeu

A América deve continuar a liderar?

Na democracia que lidera o mundo ocidental, um candidato à Presidência da República, à frente nas sondagens eleitorais, escapou a um atentado à bala, disparada a 150 metros de distância por um atirador que, supostamente, os melhores serviços secretos do mundo não viram.

Na democracia que lidera o mundo ocidental, o Presidente da República em exercício considerou-se incapaz de prosseguir na campanha eleitoral e desistiu da recandidatura que o seu partido, num quase unanimismo suicida, aprovara meses antes.

Na democracia que lidera o mundo ocidental, um debate eleitoral entre aqueles dois homens mostrou como o comando político do país esteve, nos últimos sete anos, na posse de duas personalidades cujo quadro mental tem demasiadas aproximações à demência clínica: um pelas sucessivas explosões de incontinência verbal agressiva, outro pela incapacidade cognitiva aparente e pela inconsistência do discurso – foi isto que andou a capitanear o Ocidente.

Na democracia que lidera o mundo ocidental, a pessoa que vai substituir o candidato desistente, o ainda líder da nação mais poderosa do planeta, garantiu, de um dia para o outro, os apoios necessários, sem ter de repetir eleições primárias dentro do seu partido. A nova candidata assegurou, em menos de 24 horas, com alguns telefonemas, donativos no valor de 81 milhões de dólares, um recorde de obtenção de fundos em tão curto espaço de tempo.

Na democracia que lidera o mundo ocidental, os milhões que os grandes empresários dão aos seus candidatos afastam as verdadeiras alternativas políticas, pois quem não recebe grandes quantidades de dinheiro dos ricos não é capaz de fazer propaganda eficaz num país que tem 77 vezes a área de Portugal.

Na democracia que lidera o mundo ocidental, desconhecem-se os verdadeiros compromissos que os candidatos fazem com os doadores milionários. Para além de não se saber que pactos foram estabelecidos em política interna, o que prometeram aos *tycoons* e influencia decisivamente o resto do mundo é igualmente secreto: o que garantiram estes candidatos aos seus patronos sobre a guerra na Ucrânia? E sobre a Palestina? E sobre as relações com a União Europeia? E sobre os conflitos com a China, o Irão, a Coreia do Norte, a Venezuela? E sobre a corrida aos armamentos? E sobre a ONU? E sobre a internet? E sobre a Inteligência Artificial? E sobre o mundo financeiro? E sobre o meio ambiente? E sobre a liberdade de expressão? E sobre imigração? E sobre...

A democracia que lidera o mundo ocidental não é, demonstram estas eleições, um regime de confiança, de lucidez, de honestidade, de bom senso, de lealdade.

A democracia que lidera o mundo ocidental, vença quem vencer as suas Presidenciais, não devia, simplesmente, liderar o mundo ocidental. Afinal, com o que se vê e o que não se vê, como é possível confiar nos seus políticos?

> **“Os milhões que os grandes empresários dão aos seus candidatos afastam as verdadeiras alternativas políticas.”**

Jornalista

Opinião
Jorge Costa Oliveira

Grupos internacionais de clubes de futebol em Portugal

Uma das tendências da última década é a criação de grupos de clubes de futebol (*multi-club ownership* – MCO) em ligas de diferentes países.

Um relatório da *SportBusiness*, de novembro de 2023, descobriu que um total de 301 clubes em todo o mundo faziam parte de 124 grupos MCO; destes, 197 clubes na Europa pertencem agora a um grupo multiclubes.

Em fevereiro de 2024, a *CIES Sports Intelligence* informava que o número já está próximo de 350, dos quais 221 na Europa (UEFA) e 58 na América do Norte e Central (CONCACAF).

O número vai aumentando, estes grupos MCO continuam a expandir-se e mais investidores estão a entrar neste campo. Ainda de acordo com a *CIES Sports Intelligence*, os EUA (36), a Inglaterra (35) e a Espanha (30) são os países com maior número de clubes na MCO. Mas o número de clubes envolvidos em MCO também está a crescer noutras ligas europeias de futebol.

Por vezes a *holding* controlando os grupos MCO pertence a entidades públicas (ex: o *Qatar Sports Investments* – QSI) ou parapúblicas (como é o caso do *City Football Group*, do xeque Mansour bin Zayed Al Nahyan, de Abu Dhabi) que investem para efeitos de *nation branding*, *soft power* e diplomacia desportiva.

Na maioria dos casos, o controlo de grupos MCO pertence a entidades privadas, sejam elas financeiras (é o caso da *777 Partners*, do *Fenway Sports Group*, da *NewCity Capital* ou do *Kroenke Sports & Entertainment*) ou não (*Red Bull*), bem como a magnatas (ex: Todd Boehly, John Textor, Wes Edens, Gino Pozzo, Peter Lim) que investem para obterem retorno financeiro. Em vários casos, o grupo MCO tem clubes em diferentes ligas desportivas, não apenas nas de futebol.

Dos quatro principais clubes portugueses, apenas o SC Braga faz parte de um grupo MCO – 29% do capital da sua SAD pertence à QSI. A AG extraordinária de 3 de fevereiro mostrou que a maioria dos sócios do Braga mantém uma “mentalidade proprietária” do clube. Alguém acredita que a QSI vai investir mais num clube que não controla?

O mesmo sentimento parece existir nos sócios dos outros três grandes. Sentimento que permite que os atuais administradores vão mantendo as rédeas de controlo dos [negócios dos] clubes. As principais receitas dos grandes clubes portugueses estão dependentes de fatores incertos, como os montantes dos direitos televisivos e multimédia – dependentes do novo modelo de comercialização centralizada (a ter início em 2027) – e as mais valias de vendas de jovens jogadores por eles formados.

Há ainda muito a fazer na gestão da dívida, na redução de custos, na criação de novas receitas com eventos nos estádios, em *esports*, na economia digital; o que faz com que estes clubes permaneçam ativos com potencial. Mas sem o abandono da “mentalidade proprietária” ninguém injetará capital nestes clubes.

> **“As principais receitas dos grandes clubes portugueses estão dependentes de fatores incertos.”**

Consultor financeiro e business developer
www.linkedin.com/in/jorgecostaoliveira

Algarve multicultural exige maiores desafios para controlar hipertensão

Considerando as características da população, - turismo flutuante, vasta comunidade estrangeira residente e muitos imigrantes sazonais, - os médicos consideram ter menos possibilidades e recursos para garantir o diagnóstico e tratamento da hipertensão arterial.

Quanto maior a pressão arterial, maior o risco de sofrer um acidente vascular cerebral. A hipertensão é também um dos principais fatores de risco para a insuficiência cardíaca e, por essa razão, são tão importantes as medições regulares da tensão e o tratamento rigoroso da doença que afeta cerca de 42% da população em Portugal.

Para chamar a atenção para estas questões, a Sociedade Portuguesa de Hipertensão e a Servier Portugal realizaram em Faro, no último sábado, a derradeira ação de rastreio da campanha "Pela Saúde de Portugal". "Vivemos numa região onde a população imigrante é cada vez maior. Temos, cada vez mais, pessoas estrangeiras a residir cá e ações de rastreio como esta servem, também, para chegar a essas pessoas, dentro das suas diferenças culturais e de língua", esclareceu Inês Pinto em declarações à TSF e DN, parceiros desta iniciativa. A médica coordenadora adjunta do Núcleo de Internos da Sociedade Portuguesa de Hipertensão referiu que em vários contactos com médicos e enfermeiros o inglês foi o idioma predominante.

"PROBLEMAS DE TENSÃO ARTERIAL NÃO TIRAM FÉRIAS"

No rastreio de Faro, os diversos profissionais de saúde voluntários tiveram também oportunidade de alertar a população, e sobretudo os doentes que tomam medicação regular, para a necessidade de não a descontinuar no período das férias. "Quem vem para esta zona, ou para qualquer outro ponto, deve continuar a tomar a medicação que lhe foi receitada para a tensão arterial ou para o colesterol". Não pode haver férias para os medicamentos porque os problemas de tensão também não tiram férias, avisa Inês Pinto.

Com muitos motards a circular na cidade devido à concentração de Faro, alguns ficaram curiosos com a ação de rastreio e também se juntaram aos participantes. Carlos Baía, vereador da autarquia local e responsável pelo pelouro da Saúde aplaudiu e agradeceu a disponibilidade da Sociedade Portuguesa de Hipertensão. "Ações como esta fornecem à Camara Municipal dados que permitem que avancemos com iniciativas como a nossa Carta Municipal de Saúde que nos vai identificar, de forma clara, quais são os principais problemas de saúde no concelho e para podermos trabalhar de forma incisiva na resolução dos mesmos".

BALANÇO POSITIVO E ORGULHO NO TRABALHO DESENVOLVIDO

O rastreio, em Faro, marcou o fim da campanha "Pela Saúde de Portugal", após oito paragens em outras tantas capitais de distrito. Fernando Martos Gonçalves, presidente-eleito da Sociedade Portuguesa de Hipertensão para o próximo mandato, avaliou oito meses de trabalho: "Estamos contentes. O trabalho de todos os voluntários é, de facto, meritório. Em nome de uma grande organização que teve desde auxiliares, a médicos

A iniciativa "Pela Saúde de Portugal" realizou rastreios gratuitos aos valores da pressão arterial e de lípidos no sangue. Os dados recolhidos permitiram despistar casos de risco mais elevado encaminhando-os para os serviços de saúde e promoveram hábitos de vida mais saudável junto da população.

e enfermeiros, etc., estou muito satisfeito".

A campanha de rastreios gratuitos da Sociedade Portuguesa de Hipertensão (SPH) e da farmacêutica Servier Portugal esteve englobado na Missão 70-26 que tem como objetivo controlar 70% dos hipertensos até 2026. A sociedade científica acredita que tendo a doença controlada será possível diminuir a taxa de mortalidade devido a AVC, mas também muitas sequelas e incapacidades que ficam após os acidentes que limitam muito a vida dos pacientes.

Rosa de Pinho, a atual presidente da SPH, tem referido ao longo do ano que o desconhecimento sobre a hipertensão não dá à doença o foco e importância que devia ter na sociedade portuguesa. "Muitos de nós não sabemos que somos hipertensos e, por outro lado, desconhecendo não damos o devido valor à doença e não a vigiamos. Ter atualmente apenas metade dos doentes controlados é um valor muito baixo e, por isso, queremos atingir a meta dos 70% em 2026", afirma, confiante, a médica.

Pedro Portugal Gaspar assumirá a AIMA.

FOTO: TWITTER / DGC

Nomeada *task force* para resolver 400 mil pendências da AIMA. Presidência muda de mãos

MUDANÇAS Luís Goes Pinheiro, atual dirigente, vai liderar a estrutura de missão. O cargo de presidente da AIMA será ocupado por Pedro Portugal Gaspar, que é Diretor-Geral do Consumidor.

TEXTO **AMANDA LIMA**

A estrutura de missão criada para acelerar os processos pendentes na Agência para Integração, Migrações e Asilo (AIMA) foi nomeada pelo Governo ontem à noite. O atual presidente da agência, Luís Goes Pinheiro, vai liderar a *task force* que tem a missão de organizar em um ano 400 mil pedidos de regularização. Assim, o dirigente sairá do cargo, que será assumido por Pedro Portugal Gaspar, atual Diretor-Geral do Consumidor.

"Considerando a especificidade operacional desta tarefa e o conhecimento detalhado da situação existente, Luís Goes Pinheiro, atual presidente da AIMA, I.P. é a escolha do Governo para coordenador-geral da Estrutura de Missão", destaca comunicado do Ministério da Presidência. A equipa terá também Manuel Teixeira, inspetor-chefe da PJ e antigo responsável pela área documental do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), assim como Nuno Fonseca, atual vogal da AIMA.

"A decisão do Governo justifica-se pelo facto de esta equipa reunir os perfis técnicos necessários para as referidas funções e pela ambição demonstrada para concluir com sucesso as pendências acumuladas na AIMA e no extinto SEF, de forma a cumprir mais este objetivo delineado pelo Plano de Ação para as Migrações", destaca. O Governo garante que a *task force* "irá resolver o histórico dos mais de 400 mil processos de regularização pendentes de análise, acumulados ao longo dos últimos anos".

O sucesso da iniciativa é definido como "decisivo para estabilizar a situação dos imigrantes em Portugal e para o funcionamento da própria AIMA". A equipa terá 100 especialistas, 150 assistentes técnicos e 50 assistentes operacionais. O objetivo do Governo é resolver as pendências até julho de 2025.

Mudanças na AIMA

Além de um novo presidente, o Governo escolheu um novo corpo diretivo para a AIMA. Marta Feio, Luísa Coelho Ribeiro, César Teixeira e Mário Magalhães Pedro vão compor a direção. Os novos profissionais terão a missão de implementar o Plano de Ação para as Migrações, apresentado no início de junho. "Este novo ciclo envolve uma nova abordagem no desempenho da missão e competências da AIMA, bem como na gestão dos seus recursos humanos e financeiros, uma reestruturação do respetivo âmbito funcional e uma transformação do seu papel no seio da política migratória acrescentando-lhe uma vertente de atração de capital humano estrangeiro para o nosso País", descreve o Ministério da Presidência.

> O Governo garante que a *task force* "irá resolver o histórico dos mais de 400 mil processos de regularização pendentes de análise, acumulados ao longo dos últimos anos".

Outra ação é a renovação do Observatório das Migrações, que passará a ser dirigido pelo investigador Pedro Góis. O professor da Universidade de Coimbra vai coordenar a produção, recolha, tratamento e difusão de informação e conhecimento respeitante ao fenómeno das migrações. Desde o fim do SEF e o início da AIMA que o Observatório está sem orçamento e com atividades em suspenso.

amanda.lima@dn.pt

Regime de exceção para vistos na área do Desporto

A Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA) vai celebrar acordos com várias federações desportivas para acelerar autorizações de residência para os atletas extracomunitários e desta forma reduzir o impacto da nova Lei da Imigração no desporto português e no futebol em particular.

Após reunir com a Liga de Clubes e as federações desportivas de várias modalidades (andebol, basquetebol, futebol, patinagem e voleibol), o Executivo de Luís Montenegro aceitou a exigência dos clubes para "o recurso de excecionalidade" previsto no artigo 123 da Lei dos Estrangeiros. "A situação específica dos atletas profissionais, a relevância económica e social e o interesse público do desporto profissional justificam procedimentos que permitam um processamento célere da sua situação documental em território nacional", informou ontem o Ministério da Presidência.

Perante as dificuldades que resultaram da aplicação do decreto-lei, promulgado no dia 3 de junho (que terminou com a manifestação de interesse, algo a que clubes e atletas recorriam após a entrada dos desportistas no país), para o Desporto o recurso a este procedimento é "justificável, desde logo nos períodos de transferência da época desportiva de 2024-25", perante a "necessidade de adaptação dos clubes à legislação atualmente em vigor em matéria de migrações".

E assim será criada uma "via verde", tal como o DN noticiou, depois de redigida a minuta do protocolo. "Penso que teremos uma solução estrutural para o problema, por forma a que os clubes possam terminar esta janela de transferências dentro de alguma tranquilidade", disse à saída do encontro Pedro Proença, presidente da Liga Portugal, que hoje apresenta a proposta aos clubes.

Greve dos médicos a rondar os 70%

A adesão à greve dos médicos que teve início ontem e se prolonga até hoje, quarta-feira, rondou os 70% com cirurgias e consultas canceladas em várias regiões do país, disse a presidente da Fnam, Joana Bordalo e Sá. A Fnam organizou esta greve geral de dois dias, bem como uma paralisação ao trabalho suplementar nos cuidados de saúde primários até 31 de agosto, acusando a tutela de "intransigência e inflexibilidade".

FILIPE AMORIM / LUSA

Fenprof dá "sinal mais" ao Executivo, mas ameaça já com greves em setembro

EDUCAÇÃO "O ano letivo fica marcado com um sinal "Mais" pela recuperação do tempo de serviço dos professores, ainda que com algumas insuficiências", referiu Mário Nogueira.

A Federação Nacional dos Professores (Fenprof) disse ontem que é "um tempo ainda muito curto" para avaliar com nota positiva ou negativa o Governo de Montenegro, mas deu "sinal mais" à recuperação do tempo de serviço dos docentes.

"Se quiséssemos fazer uma sinopse daquilo que será uma avaliação mais aprofundada do ano letivo [2023-2024] diria que o ano letivo fica marcado com um sinal 'Mais' pela recuperação do tempo de serviço dos professores, ainda que com algumas insuficiências, mas é claramente um sinal mais", declarou o secretário-geral da Fenprof, Mário Nogueira, em conferência de imprensa, no Porto, para fazer o balanço do ano letivo de 2023/2024.

O secretário-geral da Fenprof alertou, no entanto, que o mês de setembro vai ser "muito exigente" por causa da aplicação do *Plano +Aulas +Sucesso* e da falta de docentes no próximo ano letivo.

Segundo Mário Nogueira, líder da Fenprof, quando o ano escolar abrir, em setembro, as escolas vão ter muitos professores que vão chegar pela primeira vez, vão ter de reorganizar todo o serviço tendo em conta a recuperação de docentes que, em julho, foram informados de que não teriam componente letiva (horários zero) e vão ter de aplicar as medidas que resultarem do *Plano +Aulas +Sucesso* "que, sem mais professores, não irá reduzir em 90% o número de alunos sem, pelo menos, um professor".

Mário Nogueira
Secretário-geral da Fenprof

Além de todas as mudanças, Mário Nogueira disse que em setembro as escolas vão também ter de aplicar o "complexo mecanismo de recuperação do tempo de serviço".

O líder sindical ameaçou mesmo convocar greves no início do ano letivo caso não se eliminem "abusos e ilegalidades nos horários" e avançou com plenários distritais a 23 de setembro, arrancando em Aveiro e Beja.

Mário Nogueira anunciou que no dia 2 de setembro, dia do regresso dos professores às escolas, o sindicato vai fazer uma "apreciação das condições em que abre o ano escolar". Caso não sejam eliminados "os abusos e ilegalidades nos horários" e se agrave a carga horária dos docentes, por exemplo com horas extraordinárias de aceitação obrigatória até às 10 horas semanais, manter-se-ão greves ao sobretrabalho, à componente não-letiva e às horas extraordinárias, desde o primeiro ano letivo".

DN/LUSA

Opinião
Francisco George

Opinião pessoal (XXXIII)

Ainda sobre VIH/SIDA.

Como já escrevi, em Bissau, a notícia da confirmação pela OMS de que os mosquitos não transmitiam a "infeção-mistério" foi assinalada com um jantar comemorativo. O ambiente do Hotel 24 de Setembro era belíssimo. Nesse dia, o gerente, um simpático espanhol das Canárias, esmerou-se na ementa: castanha de caju assada e camarões cozidos, como entradas; depois, serviu sopa de ostras (*pitchpach*) e chabéu de peixe com arroz branco; no fim, magníficas mangas e papaias. As bebidas incluíam cerveja guineense Cicer e sumos tropicais.

Assim sendo, sem os mosquitos como vetores, concluiu-se que a infeção era evitável. Para tal, as relações sexuais com parceiros tinham de ser protegidas por preservativos.

Só mais tarde, em 1983, viria a ser esclarecida a causa que originava a deficiência do sistema imunitário. Essa descoberta deveu-se ao francês Luc Montagnier (1932-2022) que era um prestigiado cientista do Instituto Pasteur de Paris. Foi ele que identificou o novo vírus que tinha a capacidade de invadir e destruir os glóbulos brancos (linfócitos) produtores de anticorpos (por isso, a deficiência do sistema imunitário).

Por outras palavras, eram os novos vírus que penetravam e destruíam os glóbulos brancos como se fossem "ladrões a invadirem as esquadras da polícia", visto que são esses glóbulos sanguíneos que, em condições normais, devem proteger o organismo das infeções (e de doenças oncológicas).

Todavia, a descoberta do francês Montagnier não foi pacífica, porque quase ao mesmo tempo o americano Robert Gallo criou um teimoso ambiente de controvérsia à volta da descoberta do vírus ao pretender chamar a si os louros da sua identificação.

Olhando para trás, percebe-se que a acesa disputa entre o europeu e o americano sobre a autoria da descoberta do vírus da sida poderá ter sido empolada, mas o certo é que o Nobel da Medicina foi atribuído, em 2008, a Luc Montagnier e não a Robert Gallo. Um desempate tardio?

No começo (1983), os vírus descobertos receberam designações diferentes de Montagnier e de Gallo. O primeiro chamou-lhe LAV (*Limphadenopathy Associated Virus*) e o segundo, designou o mesmo vírus como HTLV-3 (*Human T Linphotropic Virus*). Só em 1985 o Comité de Taxinomia decidiu que esses vírus eram idênticos e como tal, passou a receber a denominação oficial de VIH (Vírus da Imunodeficiência Humana) e a doença que provoca sida (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida).

A nomenclatura uniformizada do vírus e da doença a que dá origem, explicita que o vírus infeta seres humanos e que a imunodeficiência é adquirida após a entrada do VIH no organismo.

Mas, o que acontece depois do VIH entrar no organismo?

(*Continua*).

Ex-diretor-geral da Saúde
franciscogeorge@icloud.com

"Fazer Erasmus é aprender, crescer e evoluir." Programa tem orçamento reforçado e cada vez mais interessados

EDUCAÇÃO Um dos objetivos do programa financiado pela União Europeia é o combate ao abandono escolar. Orçamento global do Erasmus+ (2021-2027) é de 26,2 mil milhões de euros, quase o dobro do financiamento do programa anterior (2014-2020).

TEXTO **CYNTHIA VALENTE**

Ana Rita Araújo tinha 11 anos quando participou, pela primeira vez, no Programa Erasmus+. Esteve na Polónia, na casa de uma família de acolhimento, fez o seu batismo de voo e a experiência do intercâmbio deixou-a com vontade de repetir. "Desde aí, pela boa experiência, tive a certeza de que não seria o último. E já passei pela Bélgica, Croácia, Itália, Espanha. E, em Portugal, também estive nos Açores", conta ao DN.

Hoje, a aluna do Agrupamento de Escolas (AE) do Cerco, no Porto, de 17 anos, soma dezenas de histórias das suas oito participações no programa (quatro com o AE do Cerco e outras quatro pelo Curso de Música Silva Monteiro, do ensino articulado). As várias experiências de intercâmbio foram todas diferentes, mas a vontade de "aprender e explorar" foi ficando cada vez mais vincada.

"O programa ajuda a desenvolver vários aspetos como a independência e desperta a vontade de aprender e explorar cada vez mais países e culturas diferentes. Sairmos da nossa zona de conforto é sempre desafiante, neste caso por termos de conviver numa sociedade completamente diferente à que estamos habituados, mas isso é bastante positivo pois aumenta a nossa confiança, a resiliência, e desenvolvemo-nos / crescemos pessoalmente", explica.

Ana Rita, que participou de novo este ano letivo (esteve em Itália), aconselha aos jovens a experiência de intercâmbio ao abrigo do Erasmus + e recomenda sentido de responsabilidade, "algo completamente crucial quando se trata de viver por uma semana em casa de alguém que conhecemos no momento em que chegamos".

Os pontos positivos das suas oito aventuras são muitos, mas a jovem, que vai ingressar no 12.º ano, destaca as amizades que fez e que mantém, "mesmo que os amigos estejam noutro país".

"O Erasmus é viver a vida com o piloto automático desligado, permitir-nos enfrentar novos desafios e descobrir algo novo todos os dias. Faz com que sejamos capazes de resolver e/ou ultrapassar situações que por vezes não passam de todo pelas nossas mãos. É verdade que temos de abdicar de algumas coisas que estão na nossa zona de conforto, principalmente a família, mas no fim compensa por voltarmos tão realizados com cada experiência", descreve.

> Os projetos de parceria estratégica do Ensino Escolar associam escolas e estabelecimentos de ensino de 33 países participantes. Reino Unido é o principal destino dos alunos de Erasmus portugueses, seguido da Itália e da Finlândia.

Para Ana Rita, "o Erasmus é mais do que ir passar umas férias: é aprender, crescer e evoluir". "É saber transformar uma situação menos positiva numa experiência incrível, ver sempre o melhor lado possível", conclui.

No Programa Erasmus+ Ensino Escolar, os estudantes participantes são recebidos pela família do aluno que, posteriormente, recebem na sua casa, havendo assim trocas de aprendizagem e de culturas.

Indira Moreira, aluna de 12.º ano, 18 anos, esteve no mesmo grupo de alunos de Ana Rita, mas no seu caso foi a sua primeira participação e com direito a batismo de voo. Foi uma "experiência única" que a fez "crescer a nível de responsabilidade" e que lhe "ensinou muito a nível cultural".

"Viagens não são, de todo, coisas que eu dispensaria. São uma construção de memórias e aprendizado que levamos connosco durante toda a vida", sublinha. O desafio, diz, é a "adaptação a uma língua estrangeira e as diferenças gastronómicas". "É desafiante, mas bastante interessante. Quando se fala nesse tópico as pessoas questionam sempre a dificuldade em não entender o que é falado na língua nativa do país, mas ninguém fala de como é engraçado falar na nossa língua nativa num país estrangeiro estando com amigos", refere.

E de todas as memórias que guardou, o batismo de voo tem um lugar "especial". "Apesar do medo ligeiro de estar lá em cima, acabou por ser uma experiência muito boa. De forma singular, a minha foi 100% aproveitada porque tive a oportunidade de ir do lado da janela e ainda tenho a visão de estar a chegar a Itália e só ver água em volta do aeroporto", recorda.

Pedro Petrus, do 9.º ano, estava no mesmo grupo e destaca várias vantagens da sua primeira participação no programa: "O enriquecimento cultural, a prática constante de idiomas estrangeiros (inglês, italiano, espanhol) e o fazer novas amizades". No próximo ano letivo, adianta, quer participar de novo, pois diz ter adquirido muito com a experiência "a nível de responsabilidade, autoconfiança e disciplina". E as dificuldades, conta, são uma boa forma de aprender a adaptar-se.

"Gostaria de destacar a boa hospitalidade por parte da família que me acolheu; o nível de inglês dos italianos, sendo difícil uma comunicação sem uso de tradutor; a ligeira falta de organização em relação às atividades; a dificuldade ao acesso de internet fora de casa e a gastronomia, que relativamente às expectativas e experiências passadas na Itália, deixou a desejar", recorda, sublinhando que até o menos positivo é encarado como "uma oportunidade para crescer".

Mais de 14 mil participantes

Ana Rita, Pedro Petrus e Indira Moreira são apenas três dos mais de 14 mil alunos portugueses que já participaram no Erasmus+ desde 2014. Entre esse ano e 2020, foram desenvolvidos 126 projetos de parceria estratégica do Ensino Escolar, que associam escolas e estabelecimentos de ensino de 33 países participantes.

O novo programa, iniciado em 2021, ainda não tem números oficiais, pois está longe do término (2027), mas deverá chegar a muitos mais alunos já que conta com quase o dobro do financiamento do programa anterior. Reino Unido (15,6%), Itália (13,2%) e Finlândia (8,9%) são os que mais portugueses recebem.

Alunos envolvidos melhoram resultados escolares

O AE do Cerco entrou no programa em 2016, somando 24 participações. "Já visitámos a maioria dos países da Europa, onde o

O intercâmbio cultural é um dos aspetos mais salientados positivamente pelos alunos de Erasmus.

MIGUEL SOUSA / GLOBAL IMAGENS

"O Erasmus é mais do que ir passar umas férias: é aprender, crescer e evoluir. É saber transformar uma situação menos positiva numa experiência incrível, ver sempre o melhor lado possível", sublinha Ana Rita Araújo, que tinha 11 anos quando participou pela primeira vez no programa.

Programa Erasmus+ é aplicado. A título de exemplo de destinos mais distantes, já estivemos na Islândia, Turquia e Guadalupe, nas Caraíbas", conta o diretor do agrupamento, Manuel António Oliveira. O responsável sublinha a importância do programa da UE, numa escola onde a maioria dos alunos provêm de agregados familiares desfavorecidos.

"Temos muitas histórias de alunos que nunca tinham sequer saído da cidade quando participaram na sua primeira mobilidade, o que é um enorme desafio para eles e para as suas famílias. Mas esse desafio tem sido claramente superado. E esse crescimento também se sente na escola, pois temos cada vez mais alunos em mobilidade e com uma postura perante a escola que já não é de rejeição, mas de satisfação e bem-estar. Sentem que vale a pena esforçarem-se e que são recompensados pelo seu esforço", sustenta.

E as mais-valias passam pela "melhoria dos resultados escolares, a diminuição do abandono escolar precoce e a diminuição das saídas de alunos de sala de aula".

"Estes objetivos são tidos em conta nas candidaturas às mobilidades, quando se faz a seleção dos alunos. Na prática, os que forem melhor comportados ou tiverem melhores classificações terão maior probabilidade de ir em mobilidade. Esta mudança na atitude tem um impacto direto no seu percurso escolar", afirma. Essas mudanças positivas levam, a cada ano, a um aumento do número de candidaturas de alunos.

Estágios para alunos do Ensino Profissional

O Erasmus+ envolve alunos de todos os ciclos do Ensino Básico, Secundário regular e Ensino Profissional. Para estes, o formato é diferente e passa por formação em contexto de trabalho, dando-lhes uma experiência num mercado laboral além fronteiras.

"O Programa Erasmus+ é crucial, pois permite que os alunos aprimorem suas capacidades técnicas e linguísticas, especialmente no domínio do espanhol, aumentando seu espírito de iniciativa e empreendedorismo. A mobilidade internacional é vista como um fator significativo de crescimento pessoal e profissional, promovendo a autonomia e a empregabilidade dos jovens", explica Adélio Silva, professor do AE Cerco.

O docente destaca "o sucesso do *Cerco Inclusivo*, em Valência, onde 32 estudantes de desporto e restauração realizaram estágios". O projeto que foi reconhecido com um prémio na primeira *Gala Prémios Erasmus+* realizada na Ericeira.

A Escola Secundária Augusto Gomes (ESAG), Matosinhos, também aderiu ao programa para os alunos do ensino regular e, este ano, para os dos Cursos Profissionais. Sandra Gomes, coordenadora de Erasmus, conta ao DN que os alunos do Curso de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos fizeram 400 horas de formação em contexto de trabalho em Córdoba (Espanha), com excelente aproveitamento.

"O *feedback* dos alunos foi fantástico e o das entidades de acolhimento também. Todos tiveram 20 valores e foram convidados a ficar lá. Não ficaram porque querem ir para o Ensino Superior", explica. A responsável acredita que a experiência adquirida será "útil para o futuro dos alunos", salientando que os estágios são reconhecidos a nível europeu.

Segundo Helena Cativo, subdiretora da ESAG, nos mais de oito anos em que a instituição de ensino aderiu ao projeto, cerca de 50 alunos em cada ano letivo têm participado no programa, com presença em Áustria, Alemanha, Espanha e Bélgica. São várias as competências trabalhadas no âmbito do programa, desde "o desempenho em língua inglesa ou a aposta na sensibilização para a sustentabilidade".

"A troca cultural assume também grande importância. Temos intercâmbios com escolas com populações migrantes bastante extensas, e realizar intercâmbios entre alunos portugueses e estrangeiros, nessas circunstâncias, torna o programa ainda mais rico até na construção da União Europeia", conclui.

Margarida Pereira, diretora da ESAG, explica que o Erasmus também envolve professores em mobilidade para formação ou *job-shadowing*, permitindo "uma atualização e conhecimento maior de outros sistemas de ensino da UE". "Ainda ontem tivemos um momento de partilha da experiência de dois professores que estiveram no curso de Inteligência Artificial no Ensino, ao abrigo do Programa Erasmus+", refere.

Segundo a Agência Nacional Erasmus, nos cinco primeiros anos do projeto mais de 4 mil docentes e outro pessoal do Ensino Escolar em Portugal beneficiaram de um período de mobilidade para formação, *job-shadowing* ou missão de ensino noutro país participante, no âmbito dos projetos de mobilidade.

O Programa Erasmus+ financiou 203 projetos de mobilidade do Ensino Escolar, numa média anual de 41 projetos.

Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal". Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então dissemos: "Dá-nos um mais divertido." E o resultado foi este.

José Crespo de Carvalho Presidente do ISCTE Executive Education

"Ganhei, em miúdo, o concurso na areia e recebi uma bicicleta do DN. Grande dia"

Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
Julgo que tenho uma grande capacidade de foco. Era esse que escolheria porque me tenho dado muito bem com ele ao longo da vida. Mas se pudesse ser um que não tenho... a paciência de Job.

Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
Continuaria sempre a dizer o *Dead Poets Society*. Sou um professor que gosta do que faz. E esse filme é um *boost* à minha vontade de fazer melhor.

Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
Quando era novo comi alguns insetos grandes em apostas com amigos. "És capaz? Não és capaz?" Era estranho mas nunca me fizeram mal. Cheguei a comer uma osga bastante grande por vinte e cinco tostões.

Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
No tempo? Para quando vivi no Brasil, São Paulo. E para a minha turminha de então.

Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
Shrek, sem dúvida.

DR

Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
Daquelas em novo, na praia e à noite, em que por cada resposta errada tinha de tirar uma peça de roupa.

Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Warren Buffet. Para interiorizar algumas verdades que nem sempre consigo praticar.

Qual é a música que sempre o faz dançar, não importa onde esteja?
Rock Around the clock.

Se tivesse de viver num filme, qual escolheria e porquê?
Out of Africa. Porque tem todo o esplendor da África, de que tanto gosto.

Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
Engraçado... quando um ex-aluno meu me ofereceu uma pulseira do seu país porque eu lhe apresentei uma outra aluna minha, de outro país, que ele queria conhecer.

Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Cão, seguramente. Porque é o animal de que mais gosto.

Qual é a sobremesa favorita, que nunca recusaria?
Gelado de coco com hortelã.

Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
Acho que temos feriados a mais.

Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Não é estranho ou incomum. Mas gosto de pintar.

Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
Se o Papa Francisco for considerado uma celebridade, talvez o Papa Francisco.

Qual é a piada mais engraçada que conhece?
Nunca fixo grandes piadas. Mas uma das minha favoritas, pessoal, foi quando dei a mão na feira do livro a uma senhora que não conhecia, e ela deu-me a mão a mim, e andámos um bom bocado a ver livros e só bastante mais à frente demos por isso. Um embaraço, mas um bom riso também, facto que aconteceu há bastantes anos.

Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Cães. O meu Risco, grande Leão da Rodésia, quando estava comigo. Perguntaria tanta coisa, mas uma certamente: "No que estás a pensar agora?", quando olhava fixamente para determinadas pessoas.

Qual é o seu talento oculto que poucas pessoas conhecem?
Gosto muito de arquitetura e decoração. Não sei se tenho jeito, mas procuro fazer o meu melhor nessas áreas e nos meus espaços. Poucos sabem deste meu gosto, julgo. Há quem diga que tenho talento, mas está por provar em mercado.

Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
Azul. Porque seria mar.

Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
Obrigado, para agradecer.

Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
Uma maquineta para tirar todas as dores.

Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Ridícula porque despropositada. Livros que eu mesmo escrevi.

Se tivesse de comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Bifes com batatas fritas e ovo a cavalo.

Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
Tantas. Quando ganhei, em miúdo, o concurso na areia, por exemplo, e recebi uma bicicleta do DN para além da que já tinha. Grande dia.
Mas se for engraçada... talvez quando me pediram para fumar um cigarro num teatro em que era ator, talvez com uns 5 ou 6 anos. É claro que mal dei uma passa já não consegui fazer o meu papel. Só tossi o resto do tempo do teatro. Nos ensaios nunca existiam cigarros acesos...

Se fosse um meme, qual seria?
O do Guedes, "o medo não me assiste". É antigo mas, para mim, é dos mais emblemáticos.

Qual seria o título da sua autobiografia?
Não tenho vida para uma autobiografia interessante. Se tivesse mesmo de escrever uma seria: *Quando não se deve escrever uma autobiografia?*

Se pudesse ser uma personagem de videojogo, quem seria?
Ronaldinho Gaúcho, num qualquer videojogo de futebol.

Qual é o seu trocadilho ou piada de favorito?
Não é um trocadilho. É uma lengalenga que dizia com o meu pai em pequeno e que ainda hoje repito: *Hoje é Domingo, pão com pingo. Galo francês, pica na rês. A rês é mansa, vai p'ra França. Quando voltar, torna a picar. O burro é de barro, pica no jarro. O jarro é fino, pica no sino. O sino é d'ouro, pica no touro. O touro é bravo, pica no fidalgo. O fidalgo é valente, mete três homens na cova de um dente!*

Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Nada que não faça hoje em dia.

Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Que a Inteligência Artificial generativa funciona muito bem nas minhas áreas e que tenho de a usar, e já uso, nas minhas aulas.

PUBLICIDADE

Este ano deverá ser ainda melhor para a produção de azeite e preços vão começar a baixar

AGRICULTURA Em 2023, a campanha do azeite em Portugal foi a segunda mais favorável de sempre, revelou ontem o INE. Mas será a recuperação da produção em Espanha, que representa metade do mercado mundial, o fator determinante para que os preços comecem a baixar.

TEXTO **CARLA ALVES RIBEIRO**

A campanha de produção de azeite de 2023 foi a segunda melhor de sempre, revelou ontem o Instituto Nacional de Estatística (INE), mas a de 2024 poderá ser ainda mais favorável e os preços, que dispararam nos últimos dois anos, deverão começar a baixar e a aliviar a carteira dos fiéis consumidores portugueses. "A produção de azeite ultrapassou os 1,75 milhões de hectolitros (160,8 mil toneladas), o que corresponde à segunda campanha oleícola mais produtiva de sempre", sublinha o INE nas estatísticas agrícolas de 2023 divulgadas ontem. A melhor foi a de 2021, com uma produção de cerca de 210 mil toneladas de azeite, lembra Mariana Matos, secretária-geral da Casa do Azeite.

Quanto a este ano – a colheita é feita entre os meses de outubro e dezembro – "a expectativa é de que ultrapasse a de 2023, com a boa floração que houve, com um regime hídrico muito mais favorável do que nos últimos dois anos, sim, mas ainda é um bocadinho cedo para dizer isto. Se há coisa que aprendemos nos últimos tempos é que prognósticos só no fim o jogo", sublinha a responsável da Casa do Azeite, uma associação de produtores e de promoção do azeite de marca junto dos consumidores.

Em junho, o preço a granel do azeite pago ao produtor aumentou 62,5%, segundo o índice do INE de preços de produtos agrícolas no produtor. Quanto aos preços ao consumidor, no cabaz monitorizado pela Deco Proteste, o preço desta gordura mediterrânica está cerca de 50% mais caro agora do que há um ano e mais do que duplicou de valor desde o início da guerra na Ucrânia, a 24 de fevereiro de 2022.

O melhor ano de sempre de produção de azeite foi em 2021, com cerca de 210 mil toneladas.

LEONEL DE CASTRO / GLOBAL IMAGENS

A expectativa do setor é que o preço do azeite comece a baixar. "É de esperar uma correção dos preços. Não se sabe em que dimensão ou quando se iniciará esse movimento, é muito difícil fazer essa previsão muito fina, mas o que se pode dizer é que haverá uma correção à medida que as produções voltem ao normal, mas isso é a lei da oferta e da procura", diz Mariana Matos.

No entanto, não será a boa campanha agrícola de 2023 em Portugal, ou a produção ainda mais favorável esperada para este ano que vão determinar a redução do preço do azeite nas prateleiras dos supermercados. "O facto de termos produzido razoavelmente bem não impacta, porque a nossa produção é de 6 ou 7% da produção mundial. E Espanha representa 50%, portanto, quem marca o preço do mercado não somos nós, é Espanha", explica Mariana Matos.

"Espanha teve duas campanhas muito, muito baixas. E isso esgotou os *stocks* mundiais e fez elevar os preços", acrescenta. E será sobretudo pela recuperação da produção espanhola que se pode esperar que os preços comecem a baixar. "A manterem-se as condições atuais, tudo indica que a produção será superior à do ano passado, quer em Portugal, quer em Espanha." O que deverá provocar a uma quebra nos preços, mas "em que tempo e em que dimensão são duas incógnitas que hoje ninguém consegue prever", diz a secretária-geral da Casa do Azeite.

> *"A manterem-se as condições atuais, tudo indica que este ano a produção será superior à do ano passado, quer em Portugal, quer em Espanha."*
>
> **Mariana Matos**
> *Secretária-geral da Casa do Azeite*

Filipa Velez, diretora executiva do Centro de Estudos e Promoção do Azeite do Alentejo (CEPAAL), corrobora: "É difícil fazer previsões, os preços estão ligados com as duas últimas campanhas, e Espanha teve campanhas muito difíceis", afirma. "Esperamos que venha a ser uma boa campanha este ano com os preços a descer ligeiramente. O impacto deverá sentir-se a partir do próximo ano", arrisca dizer.

Há outros fatores que também serão importantes para a evolução dos preços do azeite, nomeadamente a recuperação do consumo – que baixou 11% no ano passado –, e a reposição dos *stocks* mundiais, que sofreram um rombo com a quebra da produção espanhola.

"Tipicamente, num cenário de *stocks* muito baixos, os movimentos de redução de preços nunca são muito acentuados, ou muito bruscos. Porque há que recompor esses *stocks* a nível mundial, é preciso fazer alguma *stockagem* e depois ver como será o andamento da procura dos consumidores. Isso é que vai determinar realmente a evolução dos preços. Se for muito lenta a recuperação do consumo, será uma coisa, se for mais rápida, ou se for acima do previsto, será outra", afirma Mariana Matos.

Todavia, a responsável nota que a forte subida dos preços nos últimos anos permitiu perceber melhor a dinâmica do mercado. "Uma coisa que se aprendeu é que há uma certa resiliência nos consumos, principalmente nos países tradicionalmente consumidores, porque as exportações caíram bastante. Por exemplo, em Espanha, Portugal, Grécia e Itália, o consumo manteve-se acima do que seria expectável para a dimensão do aumento dos preços. O que quer dizer que os consumidores não saíram da categoria, consumiram menos, mas mantiveram-se fiéis ao produto."

Cereais com pior produção de sempre

As estatísticas agrícolas do INE revelaram também que "a produção de vinho aumentou em quase todas as regiões, atingindo os 7,4 milhões de hectolitros, o valor mais elevado desde 2001. De um modo geral, os vinhos apresentaram estrutura complexa e equilíbrio entre o teor alcoólico, a acidez e os taninos". Mas o mesmo não se pode dizer dos cereais: "A campanha dos cereais para grão de outono/inverno 2022/23 foi muito marcada pela seca severa da primavera, sendo a pior de sempre para todas as espécies cerealíferas", sublinha o gabinete de estatística.

Determinante para esta quebra foram as condições meteorológicas. Segundo o INE, o ano agrícola 2022/2023 foi o mais quente desde que há registos sistemáticos, ou seja, desde 1931/1932, e foi chuvoso, com a precipitação a atingir um total de 947,8 milímetros.

carla.ribeiro@dinheirovivo.pt

JOSÉ CARMO / GLOBAL IMAGENS

Michael O'Leary, CEO da *low cost* irlandesa, diz que operação na Madeira pode acabar no inverno.

Ryanair diz que não cresce este ano em Portugal devido ao "monopólio" da ANA

AVIAÇÃO Michael O'Leary avisa que em mercados como Espanha, Itália e Polónia as taxas aeroportuárias estão "muito mais baixas do que o esperado".

A Ryanair criticou ontem a ANA Aeroportos pelo aumento das tarifas aeroportuárias, dizendo que Portugal poderá perder tráfego e o crescimento do seu mercado para outros concorrentes no espaço europeu.

Em conferência de imprensa num hotel em Lisboa, o presidente executivo do Grupo Ryanair, Michael O'Leary, afirmou que, em muitos mercados internacionais, as taxas aeroportuárias estão "muito mais baixas que o esperado".

"Graças a essas taxas mais baixas, estamos a ver grandes ganhos de quota de mercado pela UE [União Europeia] – em Itália, Espanha, Polónia", afirmou em conferência de imprensa o presidente executivo do Grupo Ryanair, que afirmou que esse crescimento não deverá ocorrer em Portugal.

"Não vamos crescer este ano em Portugal devido aos altos custos impostos pelo monopólio de aeroportos da ANA", sublinhou, apontando que a sua empresa tem registado grandes ganhos nos mercados de Copenhaga, Polónia, Marrocos, Jordânia e Albânia.

Segundo a Ryanair, ao oferecer custos competitivos, a ANA estará a "restabelecer o crescimento da economia, empregos e a indústria do turismo em Portugal".

Perante uma perspetiva sem crescimento nos aeroportos nacionais, a companhia aérea disse ter enviado, "em maio ou em junho", um documento ao Governo, mas que ainda não se encontrou com o atual ministro das Infraestruturas, Miguel Pinto Luz.

"Queremos continuar a crescer em Portugal. Apresentámos um plano audacioso ao Governo português, sob o qual iríamos duplicar o nosso tráfego de 13,5 milhões para 27 milhões de passageiros até 2030", disse Michael O'Leary.

> "Apresentámos um plano audacioso ao Governo português, sob o qual iríamos duplicar o nosso tráfego de 13,5 milhões para 27 milhões de passageiros até 2030", revelou o CEO.

De acordo com a companhia aérea, a ANA deve oferecer taxas competitivas para o crescimento e atribuiu a estas subidas uma diminuição da sua capacidade nos aeroportos em que opera em Portugal.

Na conferência de imprensa, Michael O'Leary referiu que a base em Ponta Delgada foi encerrada durante o inverno de 2023 devido a estas taxas, enquanto a base do Funchal baixou para uma aeronave, quando antes tinha duas, correndo, também, o risco de encerrar no próximo inverno.

Também as operações da companhia aérea no Porto e Faro deverão ser reduzidas na campanha de verão, numa mudança que a Ryanair também atribuiu ao aumento das taxas portuárias.

Para este ano, a Ryanair terá 27 aeronaves em Portugal a servir 172 rotas, num total esperado de 13,5 milhões de passageiros.

DV/LUSA

Relatório para G20 propõe taxar super-ricos

O economista Quentin Parrinello, um dos autores do relatório que vai ser apresentado amanhã aos responsáveis das Finanças e bancos centrais do G20, considera que taxar os super-ricos é uma questão de "sobrevivência da democracia". Em entrevista à Lusa, o diretor político do Observatório Tributário da União Europeia afirma que nesta proposta não está em causa apenas "aumentar receita, mas também uma forma de reconstruir a confiança com os Governos".

"É preciso mostrar de forma clara que somos capazes de desenhar um sistema de impostos onde aqueles que têm mais condições de pagar impostos paguem tanto como o resto da população", sublinha o economista francês. Esse sistema, considera, "facilita a fuga aos impostos dos mais ricos, ou a alocação de capital em que consigam pagar menos impostos, o que permite que "o seu vizinho que ganha mais pode pagar menos impostos". Na opinião de Quentin Parrinello, "não é apenas sobre aumentar as receitas, é sobre salvar a democracia e reconstruir a confiança entre Governos e cidadãos".

As conclusões do relatório indicam que um imposto mínimo de 2% sobre os bilionários seria a opção mais indicada para restaurar a progressividade tributária globalmente e arrecadar mais de 250 mil milhões de dólares (230,9 mil milhões de euros ao câmbio atual) por ano.

O Brasil, que detém a presidência do G20 até finais de novembro, encomendou o relatório e espera que este seja apoiado pelo máximo número de países. **DN/DV/LUSA**

BREVES

Certificados mantêm queda em junho

O valor total aplicado em Certificados de Aforro (CA) manteve em junho a tendência de queda, tendo perdido quase 111 milhões de euros (110,9 milhões) desde outubro do ano passado, segundo mostram os dados do Banco de Portugal (BdP). De acordo com os números divulgados ontem pelo supervisor da banca, no final de junho estavam aplicados em Certificados de Aforro 33 960,6 milhões de euros. O valor traduz uma queda de cerca de três milhões de euros face ao mês de maio e confirma a trajetória de queda deste produto financeiro do Estado que começou a observar-se a partir de outubro do ano passado, mês em que os Certificados de Aforro atingiram um pico de 34 071,5 milhões de euros.

Expansão da Repsol em Sines pronta em 2025

O diretor-geral do Complexo Industrial de Sines da Repsol Polímeros, no Distrito de Setúbal, Salvador Ruiz, apontou o último trimestre de 2025 para a conclusão do projeto de expansão com o arranque da atividade das duas novas fábricas. "Estamos a manter as datas [previstas no projeto], com um nível de construção na ordem dos 30 a 35% e podemos afirmar que, no final do próximo ano, vamos começar com as atividades de arranque das duas fábricas", disse à margem da assinatura de protocolos de colaboração com a Câmara de Sines e associações locais. Ruiz frisou que o arranque de uma fábrica é "um processo muito técnico e complicado".

Com nomeação garantida, Kamala procura vice-presidente e ataca Trump

EUA Sem adversário aparente, Harris foi rápida a conseguir os números de delegados necessários para triunfar na convenção, centrando-se agora em conquistar votos nos chamados *"swing states"*. A escolha de um número dois pode ajudar nesse departamento.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

Menos de 36 horas depois de o presidente Joe Biden desistir da reeleição e anunciar o apoio à sua vice-presidente, Kamala Harris já tinha conseguido o apoio de uma maioria dos delegados que, no próximo mês, vão determinar na Convenção de Chicago quem é o candidato oficial do Partido Democrata à Casa Branca. Com esse obstáculo ultrapassado, Harris focou-se imediatamente em fazer campanha no Wisconsin, um dos "*swing states*" (que oscilam entre democratas e republicanos), deixando nas mãos do antigo procurador-geral Eric Holden o processo de vetar os nomes dos seus eventuais candidatos a vice-presidente.

Com Harris na corrida para ser a primeira mulher presidente dos EUA, além de a primeira de origem africana e asiática, não é de estranhar que os favoritos ao cargo de número dois sejam todos homens brancos – vistos como moderados, ao contrário de Harris que é da ala mais à esquerda do partido. Os nomes que mais se falam são o governador do Kentucky, Andy Beshear, o da Carolina do Norte, Roy Cooper, o da Pensilvânia, Josh Shapiro, o do Illinois, JB Pritzker, e o senador do Arizona, Mark Kelly.

"Quando lutamos, ganhamos." Kamala num discurso empolgante, no Wisconsin.
JEFFREY PHELPS/EPA

Carolina do Norte, Arizona e Pensilvânia são três *swing states*, junto com Georgia, Michigan, Nevada e Wisconsin. Escolher um aliado de um destes Estados, podia ajudar Kamala a vencer ali.

O problema é que muitos destes nomes eram vistos como potenciais candidatos para 2028, num cenário pós-Biden, não sendo claro se algum deles está disposto a "queimar" a sua oportunidade sendo um número dois de última hora da vice-presidente.

O processo de seleção de um candidato a vice-presidente pode demorar meses, com os favoritos a serem investigados de forma a garantir que, em vez de uma mais-valia, não são um empecilho para o candidato. Esse trabalho terá agora de ser apressado, com o escolhido a ter de ser anunciado até à Convenção de 19 de agosto. Donald Trump anunciou o seu escolhido, o senador J.D. Vance, no primeiro dia da Convenção Republicana em Milwaukee, no Wisconsin.

Foi esta cidade que Kamala Harris escolheu para o seu primeiro evento oficial de campanha, depois de ter conseguido os números de delegados necessários para a nomeação – terá mais de 3000, segundo a Associated Press, quando só precisava de 1976. Só hoje é que o partido vai decidir na realidade como será o processo após a saída de Biden, havendo quem ainda defenda uma corrida aberta à sucessão e não uma simples "coroação". Ontem, Harris conseguiu o apoio do líder do Senado, Chuck Schumer, e do líder da minoria na Câmara, Hakeem Jeffries.

No comício, Kamala insistiu no seu currículo como procuradora. "Enfrentei perpetradores de todos os tipos: predadores que abusaram de mulheres, burlões que enganaram os consumidores, trapaceiros que quebraram as regras para seu próprio proveito. Por isso, ouçam-me quando digo, eu conheço o tipo de Donald Trump." Esta deverá ser uma das mensagens da campanha. "No final, nestas eleições enfrentamos uma questão: em que tipo de país queremos vi-

QUEM SERÁ O "VICE"?

São muitos os nomes de possíveis candidatos a vice-presidente de Kamala Harris. Estes cinco são favoritos, mas a dúvida é se arriscam concorrer a número dois quando talvez quisessem ser o número um.

ANDY BESHEAR
GOVERNADOR DO KENTUCKY
46 ANOS
Está no segundo mandato como governador de um estado republicano (Trump venceu em 2020 por 26 pontos). Advogado, foi procurador, como Kamala.

ROY COOPER
GOVERNADOR DA CAROLINA DO NORTE
67 ANOS
É um veterano num estado de tendência republicana, tendo ganho seis eleições em duas décadas. Governador desde 2017, é popular devido aos bons resultados económicos.

MARK KELLY
SENADOR DO ARIZONA
60 ANOS
O astronauta virou-se para a política depois de a mulher, a congressista Gabby Giffords, ter sido alvo de uma tentativa de assassínio em 2011. Foi eleito em 2020 para o lugar do falecido John McCain.

JOSH SHAPIRO
GOVERNADOR DA PENSILVÂNIA
51 ANOS
Antigo procurador-geral, está só no segundo ano como governador, tendo arrasado o candidato de Trump. Judeu, tem denunciado o aumento do antissemitismo.

ver?", questionou, falando nuns EUA de "liberdade, compaixão, Estado de Direito", em vez de "caos, medo e ódio". E terminou: "Quando lutamos, ganhamos", saindo do palco ao som de *Freedom*, de Beyoncé.

Uma sondagem Reuters/Ipsos, feita já depois do anúncio da desistência de Biden, coloca Harris dois pontos à frente de Trump – 44% contra 42%. Na sondagem anterior, há uma semana, ainda com Biden na corrida, mas já pressionado a dar um passo ao lado, Harris e Trump estavam empatados a 44%. Entretanto, o ex-presidente está a começar a adaptar-se a uma campanha onde o adversário não é Biden, apelidando Kamala Harris de "mentirosa" nas redes sociais.

Biden quebra silêncio

O presidente norte-americano, que esteve isolado com covid-19 na última semana, regressou ontem à Casa Branca, tendo anunciado que irá falar em horário nobre (madrugada de quinta-feira em Lisboa) à nação sobre a sua decisão de abandonar a corrida. No X, Biden escreveu que falará a partir da Sala Oval "sobre o que está para vir e como acabarei o trabalho para o povo americano".

Após ter desistido da campanha, os republicanos – incluindo o próprio Donald Trump – têm alegado que se não está capaz para concorrer à reeleição, também não está capaz para ser presidente.

"Acho que isso é ridículo", disse a assessora de imprensa da Casa Branca, Karine Jean-Pierre, à ABC. "Ainda não acabámos. Ele recuou em relação a ser o nomeado, mas ainda é o presidente."

susana.f.salvador@dn.pt

JB PRITZKER
GOVERNADOR DO ILLINOIS
59 ANOS
No cargo desde 2019, não vem de um estado fulcral para os democratas, como outros candidatos, mas a sua mais-valia é a sua fortuna, que pode ajudar a financiar a campanha. Também é judeu.

Demite-se diretora dos Serviços Secretos

O ex-presidente dos EUA Donald Trump já esqueceu os apelos à união que fez após ter sido alvo de uma tentativa de assassínio num comício na Pensilvânia, culpando ontem a Administração de Joe Biden e Kamala Harris pelas falhas na sua proteção. Uma acusação no dia em que Kimberly Cheatle, diretora dos Serviços Secretos (agência responsável pela segurança do atual e dos ex-presidentes), anunciou a demissão.

"A Administração Biden/Harris não me protegeu adequadamente e fui forçado a levar um tiro pela democracia. Foi uma honra fazê-lo", escreveu na Truth Social.

Biden prometeu "chegar ao fundo" do que aconteceu, declarando-se no X "ansioso" por "avaliar as conclusões" da "revisão independente" que pediu logo após Trump ter sido atingido por um tiro na orelha.

"O que aconteceu naquele dia nunca deve voltar a acontecer", insistiu Biden. O presidente elogiou as décadas de serviço público de Cheatle e agradeceu o facto de ela ter aceitado o desafio de liderar os Serviços Secretos. Disse ainda que planeia nomear um novo diretor "em breve", com o atual número dois, Ronald Rowe, a assumir a direção interina.

Cheatle, que na segunda-feira testemunhou no Congresso, assumiu "total responsabilidade" pela falha da sua agência. O atirador disparou vários tiros de um local elevado a menos de 150 metros de Trump, falhando por pouco o ex-presidente e matando um dos seus apoiantes. Depois de ter apelidado o que aconteceu de o "maior fracasso operacional" dos Serviços Secretos em décadas, Cheatle estava a ser pressionada para se demitir.

Apesar de ter deixado o Congresso a dizer que continuava a ser a melhor pessoa para o cargo, acabou mesmo por se afastar. **S.S.**

Fatah e Hamas assinam acordo de "união nacional" com a ajuda da China

GUERRA Israel acusou Mahmoud Abbas de "abraçar assassinos e violadores". Netanyahu está nos EUA.

Mais de um ano depois de ter negociado o restabelecer das relações diplomáticas entre o Irão e a Arábia Saudita, a China dá novo passo na mostra da sua crescente influência no Médio Oriente. Pequim anunciou ontem um acordo de "união nacional" de 14 fações palestinianas, entre elas a Fatah (que governa na Cisjordânia) e o Hamas (no poder na Faixa de Gaza), que abre a porta a um "Governo interino de reconciliação nacional" no enclave após o final da guerra.

A *Declaração de Pequim* foi assinada ao final de dois dias de diálogo de reconciliação na capital chinesa. Um diálogo, com vista a pôr fim a 17 anos de disputas, que tinha dado os primeiros passos ainda em abril. Esta não é a primeira tentativa de reconciliação desde que os combatentes do Hamas expulsaram a Fatah de Gaza após a guerra de 2007 – o culminar da luta pelo poder após os primeiros terem vencido as Legislativas de 2006.

"Hoje assinámos um acordo de união nacional e afirmámos que o caminho para completar esta viagem é a união nacional. Estamos comprometidos com ela e fazemos um apelo para a alcançar", disse o responsável do Hamas, Musa Abu Marzuk, após o encontro com o enviado da Fatah, Mahmud al-Aloul, e emissários de outros 12 grupos palestinianos.

O anfitrião do diálogo foi o chefe da diplomacia chinesa, Wang Yi, tendo também estado presentes representantes do Egito (mediador no conflito entre o Hamas e Israel), a Argélia (membro não-permanente do Conselho de Segurança da ONU e autor de várias resoluções sobre o conflito) e a Rússia.

Pequim quer "desempenhar um papel construtivo em salvaguardar a paz e a estabilidade no Médio Oriente", enfatizou Wang.

Israel criticou o acordo e atacou a Fatah. "Em vez de rejeitar o terrorismo, Mahmoud Abbas abraça os assassinos e violadores do Hamas, revelando a sua verdadeira face. Na realidade, isto não acontecerá porque o Governo do Hamas será esmagado e Abbas estará a vigiar Gaza de longe", escreveu no X o chefe da diplomacia israelita, Israel Katz.

O primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu, está em Washington, onde deve discursar hoje diante das duas câmaras do Congresso, antes de uma reunião amanhã com o presidente Joe Biden. Na agenda está também um encontro com o ex-presidente Donald Trump, na Florida. **S.S.**

PEDRO PARDO / POOL / AFP

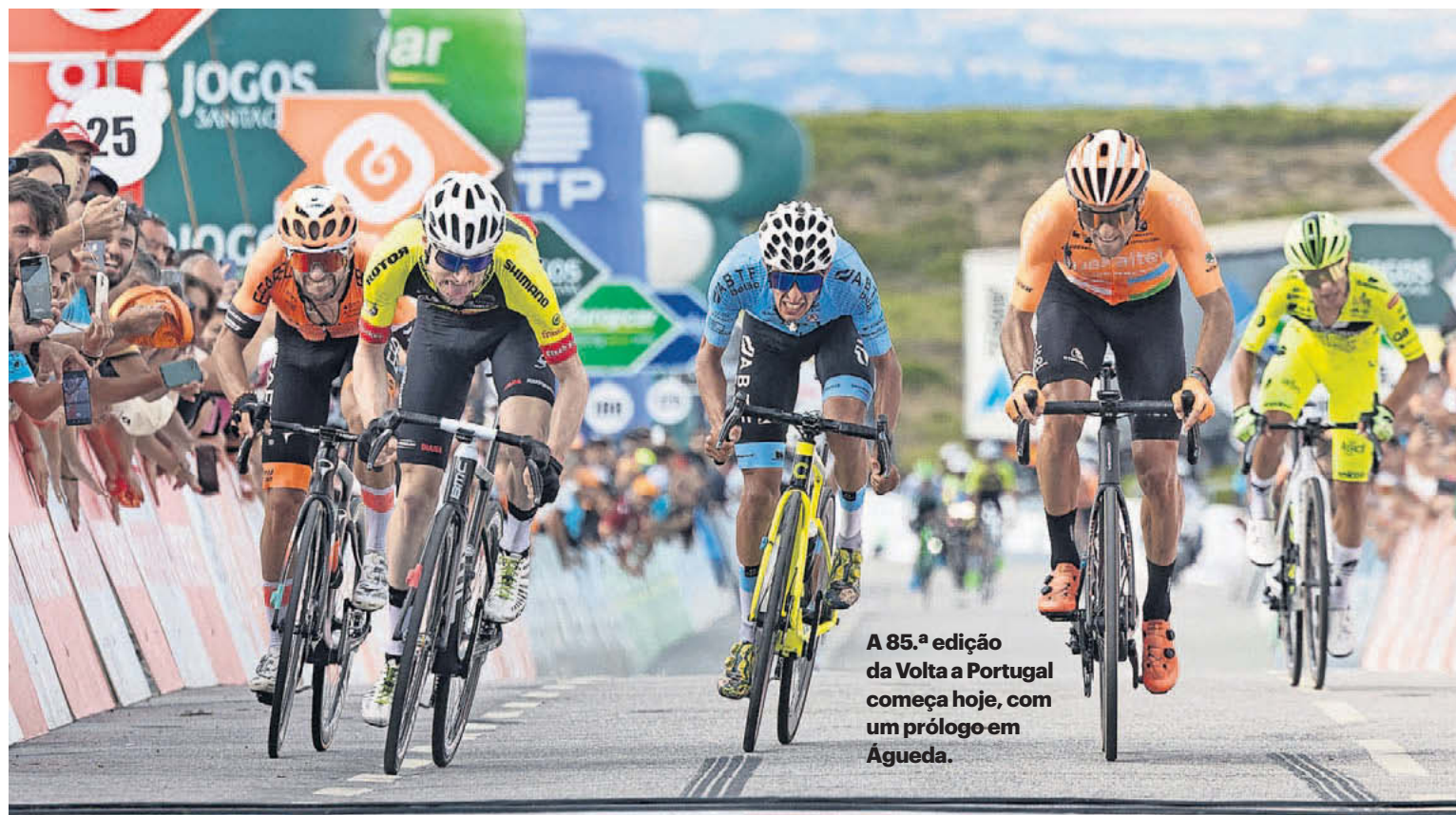
Chefe da diplomacia chinesa com enviados da Fatah e Hamas.

BREVES

3800 presos ucranianos nas Forças Armadas

Cerca de 3800 presos ucranianos estão integrados nas Forças Armadas do país e a maioria já terminou a sua formação, indicou ontem o secretário da Comissão de Segurança Nacional, Defesa e Serviços de Informação do Parlamento da Ucrânia, Roman Kostenko. Em declarações ao diário local *Pravda*, admitiu que alguns deles já foram mortos ou feridos na frente. No início de maio, o Parlamento ucraniano aprovou uma lei que prevê a mobilização voluntária de determinadas categorias de presos, excluindo os condenados pelos crimes de assassinato, pedofilia ou atentado à segurança nacional. Os restantes só se poderão alistar caso tenham de cumprir menos de três anos para a conclusão da pena.

Deslizamentos de terras matam 229 na Etiópia

O número de mortos nos deslizamentos de terra causados por fortes chuvas na cidade etíope de Geze Gofa, no sul do país, subiu para 229, segundo o mais recente balanço feito pelas autoridades locais. A maioria das vítimas ficou soterrada por um deslizamento de lama na segunda-feira de manhã, quando as equipas de salvamento procuravam no terreno íngreme os sobreviventes de outro deslizamento do dia anterior. O primeiro-ministro, Abiy Ahmed, disse numa declaração no Facebook que está "profundamente triste com esta terrível perda" e o partido no poder da Etiópia declarou, em comunicado, que lamenta a catástrofe.

A 85.ª edição da Volta a Portugal começa hoje, com um prólogo em Águeda.

PEDRO CORREIA / GLOBAL IMAGENS

AS ETAPAS

HOJE: **Prólogo**, Águeda (CRI), 5,5km
25 JUL: **1.ª etapa** , Sangalhos (Anadia)-Observatório de Vila Nova (Miranda do Corvo), 158,2km
26 JUL: **2.ª etapa**, Santarém--Marvila (Lisboa), 164km
27 JUL: **3.ª etapa**, Crato-Torre (Covilhã), 161,2km
28 JUL: **4.ª etapa**, Sabugal--Guarda, 164,5km
29 JUL: **Dia de descanso**
30 JUL: **5.ª etapa**, Penedono--Bragança, 176,8km
31 JUL: **6.ª etapa**, Bragança--Boticas, 169,1km
1 AGO: **7.ª etapa**, Felgueiras--Paredes, 160,4km
2 AGO: **8.ª etapa**, Viana do Castelo-Fafe, 182,4km
3 AGO: **9.ª etapa**, Maia-Mondim de Basto (Senhora da Graça), 170,8km
4 AGO: **10.ª etapa**, Viseu (CRI), 26,6km

A Volta com o início mais duro de sempre tem dois grandes candidatos

CICLISMO Prova portuguesa arranca hoje em Águeda e termina dia 4 em Viseu. Primeiros dias terão três etapas de montanha. Colin Stüssi e Mauricio Moreira são os nomes mais cotados.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

Arranca hoje a 85.ª edição da Volta a Portugal em bicicleta (transmissão na RTP), com um prólogo em Águeda e com final previsto para 4 de agosto em Viseu, numa prova onde há vários nomes com aspirações à vitória, com o suíço Colin Stüssi (Vorarlberg) e o uruguaio Mauricio Moreira (Sabgal-Anicolor) à cabeça. No total serão de 1540,1 quilómetros, com 32 Prémios de Montanha e 27 Metas Volantes.

Com um início de prova particularmente exigente, marcado pelo facto de a primeira, terceira e quarta etapas terminarem em alto, a tirada inaugural assinala o regresso ao Observatório de Vila Nova (Miranda do Corvo), no terceiro dia será a ascensão à Torre e no dia seguinte, a anteceder o descanso, o sempre temido final no empedrado da Guarda.

As primeiras etapas vão ser muito duras, com duas chegadas de montanha nas primeiras três etapas em linha. Joaquim Gomes, diretor da prova, disse mesmo que "será o início mais exigente de sempre da Volta a Portugal". Uma alteração que obrigará a novo figurino tático para as equipas que querem disputar a geral final, com alguns candidatos a poderem ficar já de fora após o Observatório (2.ª etapa) – depois da Torre, ao quarto dia de competição, muito do *Top*-10 deverá estar já definido.

Destaque, pelo simbolismo, para a segunda etapa, na sexta-feira, que vai ligar Santarém a Lisboa, em memória do capitão Salgueiro Maia, uma forma de associar a prova às celebrações dos 50 anos do 25 de Abril. A tirada mais longa, a antepenúltima, vai ligar Viana do Castelo a Fafe, com uma extensão de 182 quilómetros.

Viseu, que tinha acolhido o arranque em 2023, serve este ano de pano de fundo para o último ato da 85.ª edição, com 26,6 quilómetros de *crono* que farão as últimas diferenças entre ciclistas, na oitava vez em que a corrida termina nesta cidade, este ano *Cidade Europeia do Desporto*.

Certo é que este ano, em muitas etapas, os ciclistas terão de lidar com o forte calor que se prevê para os 11 dias de competição.

Os principais favoritos

Após vários anos com equipas portuguesas a vencer, Colin Stüssi inverteu a tradição ao conquistar a prova em 2023, e caso triunfe iguala o feito de Gustavo Veloso, o último ciclista a triunfar em dois anos consecutivos (2014 e 2015). Muito bom em montanha e hábil no contrarrelógio, regressa com um bloco da Vorarlberg reforçado em torno de si.

Maurico Moreira, o corredor uruguaio da Sabgal-Anicolor que venceu a Volta em 2022 e confirmou o estatuto de figura de proa do pelotão nacional, exímio no contrarrelógio e capaz de se defender na montanha, promete ser um rival à altura. Familiarizado com a pressão de ser líder da Volta, sabendo o que é andar com a camisola amarela, aos 29 anos é um dos grandes candidatos a vencer uma segunda vez.

Entre os favoritos estão também o equatoriano Jonathan Caicedo (Petrolike), os espanhóis Delio Fernández (AP Hotels & Resorts-Tavira-Farense) e Luis Angel Maté (Euskaltel-Euskadi) e o russo (Artem Nych Glassdrive-Q8-Anicolor). Caicedo, de 31 anos, dispensa apresentações, uma vez que é um ciclista de categoria *WorldTour*, escalão em que corria até 2023, quando trocou a EF Education-Easy Post, com a qual venceu uma etapa na Volta a Itália em 2020, pela desconhecida Petrolike.

Entre os portugueses, António Carvalho (ABTF-Feirense) é provavelmente um dos maiores nomes, que sabe perfeitamente o que é subir ao pódio final da Volta a Portugal, mas sempre no degrau menos desejado, por ter sido terceiro em 2022 e 2023, estando agora livre da condição de gregário que lhe marcou parte da carreira.

O vencedor da montanha em 2014 e de três etapas, duas delas na Senhora da Graça, é um grande trepador que lidera uma ABTF-Feirense reforçada e apostada em levá-lo um passo mais longe. Mas há que contar também com Frederico Figueiredo (Sabgal-Anicolor), de 33 anos, um trepador puro que deu *meia Volta* a Mauricio Moreira, em 2022, e que foi terceiro em 2020, Luís Fernandes (Credibom-LA Alumínios-Marcos Car), que foi quarto em 2022, e Henrique Casimiro, 38 anos, um veterano para quem a Volta a Portugal e a maior parte dos percursos não tem segredos. **Com LUSA**

A comitiva portuguesa em Paris2024 é a mais pequena desde Sydney2000.

Comité Olímpico esperava levar mais atletas aos Jogos

PARIS2024 Constantino tentou reunir Pichardo e Rui Costa, mas sem sucesso. Atleta inscrito pela Federação "em nome do interesse nacional".

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Portugal estará representado por 73 atletas, em 15 modalidades, nos Jogos Olímpicos. É a representação mais baixa desde Sydney2000, quando a Missão portuguesa foi composta por 62 atletas. São menos 19 do que os 92 que se apuraram para Tóquio2020 e Rio2016.

José Manuel Constantino admitiu ontem que esperava uma Missão "mais extensa" em Paris2024, mas está confiante no objetivo das quatro medalhas e na defesa do Ouro de Pedro Pichardo, atleta que continua em litígio com o seu clube, o Benfica.

O presidente do Comité Olímpico de Portugal (COP) defendeu que a relação da instituição com Pichardo é "perfeitamente normal, cordial e colaborante", tendo ele tentado intermediar uma trégua entre o atleta, "uma personalidade que tem de ser gerida com muito cuidado", e o presidente do Benfica, Rui Costa, mas sem sucesso.

O Campeão Olímpico do triplo salto não aceitou a filiação do clube ao qual está ligado contratualmente até 2028, mas, tal como o DN noticiou, acabou inscrito, "em nome do interesse nacional" pela Federação Portuguesa de Atletismo, o que permite a ida aos Jogos Olímpicos, onde defenderá o Ouro de Tóquio2020.

Em entrevista à Agência Lusa, José Manuel Constantino revelou que face à recusa dos quatro Campeões Olímpicos de Portugal, Carlos Lopes, Rosa Mota, Fernanda Ribeiro e Nelson Évora, em integrar a comitiva, o COP convidou as medalhadas Patrícia Mamona, Prata no triplo salto em Tóquio2020, e Telma Monteiro, Bronze no judo no Rio2016, para integrar a Missão Portuguesa a Paris2024, como "reconhecimento daquilo que fizeram" e ainda podem vir a fazer "pelo desporto nacional e pelo movimento olímpico".

> Telma Monteiro e Patrícia Mamona foram convidadas pelo Comité Olímpico a integrar a comitiva portuguesa e ficarem na Aldeia Olímpica durante os Jogos.

Sobre a comitiva, o presidente do Comité Olímpico esperava uma Missão "mais extensa" em Paris2024, mas remeteu um balanço para o final dos Jogos. "Houve modalidades em que a nossa expectativa era que se pudessem apurar, desde logo as coletivas, o andebol e o futebol. No plano individual, tínhamos também algumas expectativas relativamente à canoagem, à embarcação do K4 500, e ao atletismo, ao [Gerson] Baldé, no salto em comprimento. Num plano mais recuado, e onde as expectativas existiam, mas eram mais difíceis, tínhamos o caso da esgrima, do voleibol de praia e até no remo", enumerou Constantino.

Os Jogos Olímpicos Paris2024 arrancam na sexta-feira e terminam em 11 de agosto. O *skater* Gustavo Ribeiro é dos primeiros portugueses a competir, na prova de *street*, no sábado, tal como a judoca Catarina Costa, em -48kg, e os ciclistas Nelson Oliveira e Rui Costa, no contrarrelógio. A ciclista Maria Martins, na pista, fecha a participação portuguesa 15 dias depois.

FC Porto fecha estágio com triunfo sobre Sturm Graz

PARTICULAR Golos de Grujic e Danny Namaso permitiram manter registo 100% vitorioso.

O FC Porto venceu ontem o Sturm Graz, por 2-0, naquele que foi o último jogo de preparação do estágio portista na Áustria, mantendo o registo 100% vitorioso na pré-época.

Os dragões, orientados por Vítor Bruno, inauguraram o marcador na Merkur Arena, em Graz, por intermédio de Marko Grujic, aos 33 minutos, com Danny Namaso a ampliar a vantagem aos 55.

O FC Porto vai agora defrontar os sauditas do Al Nassr, do técnico português Luís Castro e que contam com Cristiano Ronaldo, Otávio e Alex Telles, no domingo, pelas 18.30, no Estádio do Dragão, no jogo que servirá de apresentação da equipa aos sócios.

O primeiro jogo oficial será a Supertaça Cândido de Oliveira, frente ao campeão Sporting, marcado para o dia 3 de agosto, pelas 20.15, em Aveiro.

Campeonato arranca dia 9

A visita do FC Porto ao Sporting, da quarta jornada da I Liga, vai realizar-se no dia 31 de agosto, um sábado, pelas 20.30, no Estádio José Alvalade, anunciou a Liga Portugal, que ontem divulgou as quatro primeiras jornadas do campeonato.

A I Liga 2024-25 começa com a receção do campeão Sporting ao Rio Ave, no dia 9 de agosto, pelas 20.15. O FC Porto joga no sábado, dia 10 de agosto, pelas 20.30, em casa frente ao Gil Vicente e o Benfica, no domingo, dia 11, pelas 18.00, no terreno do Famalicão.

Mundial rendeu 291 mil euros aos clubes portugueses

FUTEBOL FEMININO Benfica foi o emblema que mais recebeu pela cedência de jogadoras à seleção.

Os clubes portugueses receberam cerca de 291 mil euros como compensação pela cedência de futebolistas às seleções participantes no Mundial feminino de 2023, com o Benfica a ter o maior encaixe, comunicou a FIFA.

O Tetracampeão Nacional obteve 107,9 mil euros ao abrigo do programa de benefício do organismo regulador, quase o dobro dos 55,8 mil somados pelo Sporting. Seguem-se os também primodivisionários Sporting de Braga (27,9 mil euros) e Marítimo (22,4 mil) e o Ouriense (13,9 mil), recém-despromovido ao 2.º Escalão, numa lista com 48 clubes lusos, que integram um total de 1041 de 48 federações a nível planetário.

A FIFA distribuiu 12,3 milhões de euros (ME) para "reconhecer o papel fundamental dos clubes no desenvolvimento das atletas", acima dos 7,8 ME no Mundial2019.

A FIFA aumentou o número de clubes identificados como elegíveis para serem apoiados pelo programa de benefícios, ao subirem de 822 em 2019 para 1041 em 2023, tal como sucedeu ao nível das federações, com 48 no último ano, acima das 39 de há cinco anos.

Na Austrália e na Nova Zelândia, onde debutou em Campeonatos do Mundo, Portugal foi eliminado na primeira fase, ao terminar na terceira posição do Grupo E, atrás dos Países Baixos e dos Estados Unidos, então Bicampeões, que seriam destronados pela Espanha.

Veneza 2024. *Joker*, mas também Almodóvar, Guadagnino e Jolie!

FESTIVAL Revelada a seleção do Festival de Veneza do próximo mês. Todas as atenções vão dar a *Joker – Loucura a Dois*, de Todd Philips, mas a competição tem ainda Almodóvar, Luca Guadagnino, Walter Sales, Emmanuel Mouret ou Larraín...

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**

***Joker – Loucura a Dois*. Veneza vai ter a insanidade de Lady Gaga e Joaquin Phoenix.**

O que acontece quando um filme-evento abafa o resto do festival? É a pergunta do momento que o mundo faz agora depois de revelados ontem os 21 filmes da competição do segundo maior festival de cinema do mundo, a Mostra de Veneza. O filme, claro, é *Joker – Loucura a Dois*, de Todd Phillips, a obra de Hollywood mais esperada do ano, a sequela do sucesso de há cinco anos. Fica a dúvida: não seria mais sensato estar fora de competição? Sobretudo se pensarmos que Phillips venceu o Leão de Ouro…

Sabe-se que a junção de Harley Quinn ao universo do comediante Arthur Fleck pode trazer a via do musical, mas as primeiras imagens apontam para um filme que pode ser sobre… cinema e a sua memória de Hollywood. Ou um realizador que quer fazer arte dentro do aparato do *blockbuster*. Se o primeiro como que matou o conceito do filme de super-heróis, este pode ser outro tipo de sinfonia. Dê por onde der, é mesmo o filme que desequilibra o mediatismo do festival.

Mesmo quando na competição está *The Room Next Door*, o novo Pedro Almodóvar, a sua primeira longa em língua inglesa. Tem Tilda Swinton e Julianne Moore em papéis que lhes podem dar prémios. Um drama que é ainda para ser estreado este ano.

> O Festival de Veneza arranca já dia 27 de agosto e tem como filme de abertura a comédia de horror *Beetlejuice Beetlejuice*, de Tim Burton.

Daniel Craig, natural favorito à Copa Volpi, em *Queer*, de Luca Guadagnino.

Mas temos outros títulos que fazem palpitar o coração do cinéfilo mais ansioso, a começar por *Maria*, de Pablo Larraín, especialista de biografias de figuras globais – depois da Princesa de Gales e de Jackie Kennedy é a vez de Maria Callas, agora interpretada por Angelina Jolie, num papel também à medida da temporada dos prémios. O chileno regressa ao Lido após ter sido premiado o ano passado com *O Conde*, sobre Pinochet.

Também muita expectativa por *Queer*, de Luca Guadagnino, com Daniel Craig como William Burroughs num conto *gay*. Refira-se que já este ano o cineasta italiano estreou o bem aliciante *Challengers*…

Os amigos de volta ao Lido

Outro dos filmes que vai fazer correr muita tinta é *Lobos Solitários*, de Jon Watts, a correr Fora-de-Competição ou a necessidade de ter pesos-pesados nos canais, neste caso Brad Pitt e George Clooney, aqui dois empregados de limpeza de crimes, os chamados *fixers*, obrigados a trabalhar juntos.

Depp, Jarmuch e Eggers ausentes

Dos ausentes há muito boa gente espantada por Johnny Depp não ter tido *slot* para *Modi*, a sua segunda realização, e igualmente por Julian Schnabel não ter conseguido colocar nesta edição *The Hand of Dante*, cujo elenco mistura Gerard Butler, Martin Scorsese, Jason Momoa e Al Pacino. Talvez não tenha ficado pronto a tempo, mas mais surpreendente é ainda a ausência de *Nosferatu*, o novo de Robert Eggers.

Julga-se também que Jim Jarmuch tenha preferido antes a rampa de Cannes para *Father, Mother, Sister, Brother*, com Cate Blanchett (a atriz australiana deverá ir, no entanto, ao festival: *Disclaimer*, a série de Alfonso Cuarón, por si protagonizada, está na secção da Ficção Televisiva).

Por outro lado, há a surpresa de haver cinema de terror na competição: *Babygirl*, de Halina Reijn, com Nicole Kidman e Antonio Banderas. Vem com a chancela de qualidade da A24…

De recordar que na secção paralela Dias de Autores, Portugal estará presente através de Luciana Fina com o documentário *Sempre*, sobre o 25 de Abril, e Cláudia Varejão apresentará a curta *Kora*. Infelizmente, Veneza nada quis nada com o tão esperado *Entroncamento*, de Pedro Cabeleira…

O Festival de Beleza arranca já dia 27 de agosto e tem como filme de abertura a comédia de horror *Beetlejuice Beetlejuice*, de Tim Burton, com Monica Bellucci, como sua nova companheira.

Os *paparazzo* em Veneza vão ao céu… Isto numa seleção algo desequilibrada e com excesso de filmes italianos. Isabelle Huppert é a presidente do júri.

Sofie Gråbøl: tão prisioneira como os reclusos.

Prisioneiro. Do frio da Dinamarca vem uma série de alta tensão

STREAMING Para variar, ficção escandinava. *Prisioneiro* segue um grupo de guardas prisionais na difícil missão de controlar reclusos revoltosos, enquanto gerem os seus próprios segredos. Acabou de se estrear na Filmin e é muitíssimo recomendável.

TEXTO **INÊS N. LOURENÇO**

Se nos dissessem que um drama prisional seria a melhor proposta para os dias quentes de verão não acreditávamos. Mas aí está a produção dinamarquesa que o confirma: *Prisioneiro* puxa-nos para trás das grades frias com o impulso e confiança da ficção televisiva que sabe transformar um excelente argumento em tensão implacável.

Ao longo de seis episódios de 60 minutos, esta série ultraenvolvente desenha um complexo mapa humano, que se diria impossível de antever nos seus primeiros minutos. E ao fazê-lo, vai deitando achas numa hipotética fogueira que será a confluência de diferentes linhas de ação individual, cada uma delas marcada por sofrimentos silenciosos, a misturarem-se com o jogo interno de uma prisão... Já se percebeu o nível? Só para que conste, não há aqui um minuto desperdiçado.

Em estreia exclusiva na plataforma Filmin, *Prisioneiro* traz como rosto conhecido a atriz Sofie Gråbøl (protagonista de *The Killing*), que deixa logo no ar a típica expressão grave da personagem íntegra. Neste contexto, ela é praticamente a única guarda prisional que demonstra compaixão pelos reclusos, e a figura que inspira uma certa dignidade profissional, usando gravata com a farda quando todos os outros colegas se estão nas tintas para esse rigor de imagem...

O detalhe da gravata é importante, porque se trata do ponto de identificação com outro jovem guarda que vai integrar a equipa. Ou seja, ao serem apenas os dois que fazem questão de se apresentar segundo as regras, cria-se um entendimento tácito, uma perceção mútua de que as suas abordagens do trabalho pouco têm que ver com as dos restantes colegas, muito menos idealistas, e claramente menos preocupados em fazer o que é correto do que em manter o ecossistema da prisão a funcionar sem grandes chatices para eles próprios (alerta: não se precipite no julgamento desta atitude). O que, na prática, significa que os gangues controlam o espaço, até que alguém venha desestabilizar essa ordem de fachada em que a violência está mais ou menos encoberta.

Para além dos referidos guardas, há mais dois que vão emergir como protagonistas, todos eles com os seus problemas pessoais e na vertigem de uma qualquer tragédia indissociável da prisão. Não se espere, portanto, jornadas honrosas: o instinto de sobrevivência reinará numa história tão física quanto simbólica dos modos de cárcere que a vida nos prepara.

Uma orgânica perigosa

O nervosismo de um período de avaliação é o que se constitui como o motor dos acontecimentos da série. Depois de a chefe da prisão informar a sua equipa sobre a construção de um novo estabelecimento prisional, cujo financiamento implicará encerrar outro (talvez o seu), a necessidade de unir esforços é inevitável: para fazerem boa figura diante dos inspetores que vão supervisionar as suas práticas, estes guardas apertam o controlo dos reclusos de uma maneira que vai fazer estalar definitivamente o verniz da coexistência num lugar onde, ainda por cima, há falta de pessoal.

E é, de facto, brilhante o que o criador e escritor Kim Fupz Aakeson alcançou, baseando-se num romance próprio, motivado pelo interesse num "lugar secreto da sociedade". Esse espaço que se caracteriza aqui por ser "vivo e orgânico, violento e perigoso, com muito barulho", nas palavras do correalizador Frederik Louis Hviid, ele que quis reforçar o contraste com a realidade exterior, "muito escura e silenciosa, claustrofóbica, cheia de segredos e tragédias pessoais". Trata-se da colisão de dois universos que, no fundo, estão intimamente ligados.

Seguindo a alta pressão dos episódios e entrando na consciência brutal deste mundo, ficamos agarrados ao seu funcionamento, que inclui também constantes chuvadas e céus cinzentos. Quer dizer, chove torrencialmente na vida destas pessoas – e mais não se deve revelar sobre *Prisioneiro* e a sua riqueza de pormenores, que servem a perspetiva madura do drama televisivo.

Da Dinamarca, com amor

É sem dúvida uma ótima aquisição, a acrescentar valor ao catálogo da Filmin, onde se encontram outras três séries dinamarquesas de qualidade, muito diferentes entre si. São elas *Cara a Cara*, um *thriller* baseado na lógica dos diálogos tensos como método de investigação; *A Orquestra*, tragicomédia sinfónica sobre os bastidores da música clássica em Copenhaga; e *Memórias de Uma Escritora*, drama centrado na autora dinamarquesa Karen Blixen (1885-1962) e na fase em que se entregou à escrita, de regresso do Quénia e com a saúde frágil, para produzir as obras que lhe deram nome, a começar por *África Minha*.

Dito de outra forma: a ficção nórdica está bem e recomenda-se.

Capela Real do Palácio de Queluz reabre após restauro

PATRIMÓNIO A Capela vai reabrir amanhã às 10.00. As obras pretenderam reintegrar o Órgão Histórico de Tubos, que regressa ao local original ao fim de mais de 100 anos.

A Capela Real do Palácio Nacional de Queluz do século XVIII vai reabrir amanhã, na sequência de obras de restauro para o regresso do Órgão Histórico de Tubos, após um século.

A Capela Real, projetada por Mateus Vicente de Oliveira no século XVIII, irá reabrir pelas 10.00, concluídas as obras que tiveram como objetivo reintegrar o Órgão Histórico de Tubos, executado no mesmo século pelo construtor Machado e Cerveira. O órgão regressará ao local original ao fim de mais de 100 anos.

O templo foi objeto de uma intervenção global de conservação e restauro que contemplou diversas técnicas artísticas e decorativas, assim como a intervenção nos espaços contíguos, como a sacristia, salas adjacentes, espaços privados do piso superior, bem como as áreas de ligação entre os dois pisos.

Segundo a Parques de Sintra, também a copa de apoio a eventos, localizada ao nível no piso inferior, foi renovada.

No mesmo período, o Órgão Histórico de Tubos foi igualmente objeto de reparação e restauro. A montagem na capela "irá decorrer até ao final do ano, num processo que poderá ser observado pelos visitantes do Palácio Nacional de Queluz".

O projeto, iniciado em 2017, teve um investimento global de cerca de um milhão de euros, no âmbito das múltiplas intervenções no Palácio Nacional e Jardins de Queluz que a Parques de Sintra concretizou "e que totalizam cerca de 11 milhões e meio de euros na última década".

Crê-se que este órgão pertencia ao Palácio da Bemposta e que terá vindo para Queluz em 1778, onde permaneceu até 1916. Neste ano foi desmontado na totalidade, do centro do coro alto.

A Parques de Sintra recorda que, neste período, investiu 40 milhões de euros no património edificado e natural à sua guarda, "sem recorrer ao Orçamento do Estado", através de um "modelo de gestão pioneiro que assenta na capacidade de o património gerar receitas que são depois reinvestidas na sua recuperação e manutenção". **DN/LUSA**

Opinião

Carlos Rosa

O vazio (do) criativo

Quero acreditar que os "vazios criativos" não são a ausência de conteúdos, ideias ou significados. São sim, um recorte temporal por preencher. Estes vazios são, ou deveriam ser, o momento no tempo e no espaço em que estamos intelectualmente disponíveis para preenchê-lo.

Sinto que a predisposição do criativo para o preenchimento destes vazios é mais reduzida à medida que agosto se aproxima, pois o cansaço psicológico ganha ao cansaço físico e as dores do ecrã superam as dores das voltas matinais de bicicleta.

O criativo apresenta um estado de espírito ao nível de uma alforreca que navega no nada, sem informação, sem cérebro, sem espinha dorsal. Movimenta-se ao sabor da maré, ora para um lado, ora para o outro sem perceber muito bem o que lhe está a acontecer.

O recorte temporal que está, assim, por preencher é na verdade uma luta cega, surda e muda entre uma vontade avassaladora de recorrer a ajudas tecnológicas que lhe permitam atestar o cérebro de ideias, mas faltam-lhe as ideias que lhe garantem um pedido de ajuda na forma e no formato certo. Ou seja, precisa de atestar o depósito, mas não sabe qual o tipo de combustível a escolher e ali fica em modo alforrequeano a tentar esboçar um pensamento que lhe permita avançar.

Quando o avanço se dá, entramos no momento da rejeição do nada, em que o vazio do criativo consegue mudar de linha e se preenche a partir do seu vazio, sem história, sem espólio, sem nada, e consegue assim ser autossuficiente e progredir para uma ideia. Para um conceito. Para um esboço.

O criativo estava sem combustível – pensei eu, quando vi que o que já sabia, o esboço, o desenho, os riscos, são o meu ponto de partida.

E, ao contrário das outras semanas, percebi tarde, mas percebi, que deveria ter invertido desde logo o processo e, ao invés do texto, começar pelo desenho. Porque o desenho serve para atestar o meu "vazio (do) criativo" com as ideias. Com as formas. Com as coisas. E na volta, estas coisas desenhadas ainda não foram inventadas, não têm nome e só existem mesmo neste papel!

Designer *e diretor do IADE – Faculdade de* Design, *Tecnologia e Comunicação da Universidade Europeia*

Coco Chanel. A musa e a mecenas

EXPOSIÇÃO O percurso e a história da criadora de moda francesa estão evidenciadas na exposição patente em Cascais. Mas as peças de roupa e acessórios, juntamente com obras de arte e fotografias, mostram-nos uma outra faceta de Coco Chanel.

Uma das criações de Chanel e o mítico frasco de perfume, criado por Dalí.

FOTOS: LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

TEXTO **SOFIA FONSECA**

Peças de roupa, sapatos e malas, mas também fotografias e obras de arte contam-nos a história e trajetória da criadora de moda francesa Coco Chanel na exposição agora patente no Centro Cultural de Cascais. *Coco Chanel, Além da Moda* mostra-nos ainda uma das facetas menos conhecidas desta figura: a de mecenas e musa de artistas que eram seus contemporâneos.

"Para além do seu brilhante trabalho como revolucionária das tendências estéticas, este é um aspeto cuja importância é indiscutível e que a relaciona diretamente com o desenvolvimento das vanguardas do século XX", repara a curadora Maria Toral. "Ela não foi apenas mecenas, mas foi também uma musa e, o que é ainda mais importante, tornou-se uma figura-chave na transformação do que estava formalmente estabelecido até então, transcendendo as fronteiras da moda", acrescenta a doutorada em Belas Artes espanhola.

A exposição inclui fotografias pessoais de Coco Chanel, imagens de vultos como André Kertesz, Man Ray e François Kollar – incluindo alguns dos retratos mais icónicos da criadora e cenas do seu apartamento no Hotel Ritz de Paris –, mas também obras de alguns dos artistas com quem partilhou paixões, interesses e inspirações na Paris das primeiras décadas do século passado, nomeadamente de Salvador Dalí (que desenhou o frasco do perfume Chanel nº 5), esculturas de Apel les Fenosa, pinturas de Tamara de Lempicka, Óscar Domínguez e Josep María Sert, e litografias e águas-tintas de Pablo Picasso.

A exposição inclui fotografias pessoais de Coco Chanel.

Perspetiva da mostra, que inclui pintura, fotografia e moda.

"Chanel soube aproveitar todas as fontes em seu redor e interagiu intensamente com os mais destacados criadores e intelectuais do seu tempo", observa Maria Toral.

A exposição integra ainda uma secção sobre a moda da época, com referências a nomes como Elsa Schiaparelli e Madeleine Vionnet, sendo pontuada por peças de vestuário da Maison Chanel, como os clássicos sapatos bicolores de salto raso, malas com alças de corrente (uma inovação introduzida por Coco Chanel), vestidos, conjuntos de *tailleurs* e saias e casacos de *tweed*. São, segundo a Fundação D. Luís I, peças das últimas décadas que ilustram perfeitamente o estilo criado por Coco Chanel e que evidenciam o apelo intemporal e a influência duradoura do império que construiu.

Coco Chanel é um dos nomes mais importantes da História da Moda, continuando a influenciar a maneira como esta é pensada e como se vestem as mulheres. Nascida em 1883, em Saumur, França, começou por trabalhar como costureira, na adolescência. Em 1912 abriu uma boutique, em Deauville, e passou as quase 60 décadas seguintes a ditar tendências na Alta-Costura.

Morreu em Paris, em 1971, e as suas criações, "revolucionárias para o seu tempo, inspiraram as mulheres a abandonar os excessos e o desconforto dos espartilhos da moda oitocentista em favor de um novo estilo livre, simples e elegante".

Entrada da exposição com uma mala de ombro da linha *Cambon*.

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAES PORTUGUESES

Diario de Noticias

24 DE JULHO

OS ACONTECIMENTOS de S. Paulo

UNAMUNO E SORIANO

PASSAM EM LISBOA A BORDO DO "ZEELANDIA"

A LUTA ENTRE MIGUELISTAS E LIBERAIS

HA 91 ANOS

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 24 DE JULHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

PREÇO 10 CENTAVOS (100 réis)

FUNDADORES: Eduardo Coelho e Conde de S. Marçal

REDACTOR PRINCIPAL: José Rangel de Lima

CHEFE DA REDACÇÃO E EDITOR: Acurcio Pereira

Propriedade e Tipografia da Empresa Diario de Noticias

Rua do Diario de Noticias, 78—LISBOA

Edição parisiense do "Diario de Noticias"

HA 91 ANOS

D. Miguel I e D. Pedro IV—Entrada das tropas liberais em Almada

Director—AUGU

Telef.—365, 534, 2446 e 5310

o dia 24 de julho marcou o ocaso dum regime antigo, que se afastara por completo do espirito da epoca, e o alvorecer dum regime novo, em harmonia com as aspirações e as esperanças que o movimento revolucionario de 1789 fizera surgir em toda a Europa e se tinham propagado até para além do Atlantico.

A guerra civil que ha longos anos se desencadeara em Portugal, arruinando-lhe a fortuna, quebrando os braços mais carinhosos das familias e ceifando milhares de vidas preciosas, não terminou nessa hora. Prolongou-se ainda por alguns meses, só para que Saldanha pudesse demonstrar em Almoster a sua indomita bravura e Terceira afirmasse a sua frieza e habilidade estrategica nos campos da Asseiceira. Mas na hora em que as tropas liberais entraram em Lisboa e o duque do Cadaval retirou precipitadamente para fóra da capital, a guerra ficara virtualmente finda e, nos dez meses que decorreram até ser assinada a Convenção de Evora Monte, já não havia duvidas nem ilusões para ninguem.

Quem deu a vitoria á causa de D. Pedro? Foi o numero, a disciplina, a experiencia e a força das suas tropas? Não, porque elas eram constituidas por elementos dispersos e heterogeneos, em quantidade quasi insignificante comparada com o poderio do inimigo, organizadas ao sabor das circunstancias, sem unidade nem intima coesão. Foi então a supremacia decisiva do engenho e do genio dos seus generais? Tambem não, porque, se é certo que o exercito liberal tinha ao seu serviço a impassibilidade do duque da Terceira e a temeridade sublime de Saldanha, não é menos certo que os seus contrarios se moveram primeiro sob a direcção de Povoas, verdadeiro soldado das mais nobres e provadas qualidades, e mais tarde ás ordens de Solignac e Pourmont, generais com larga experiencia e saber adquiridos nos campos de batalha e até aí sempre aureolados de gloria. Seria acaso a força indomita da opinião, a ansia da grande maioria do país de experimentar novas instituições pelo descontentamento provocado pelos que até aí haviam presidido aos seus destinos? A resposta a esta pregunta tem, igualmente, de ser negativa, porque ninguem ignora que no Portugal dessa epoca quasi todos, e especialmente as classes populares, eram afectas ao regime tradicionalista.

Sendo assim, como se explica que os poderosos elementos de resistencia e de luta, que estavam ao lado do absolutismo, se tivessem ido enfraquecendo e dissociando pouco a pouco, até ao triunfo completo dos seus adversarios? Explica-se por uma lei historica que sujeita a humanidade a uma evolução ininterrupta e a impele numa marcha contínua para novos estadíos de civilização, a que acabam por se render e sujeitar as oposições mais numerosas e energicas.

A revolução de 1789 criára, principalmente na Europa, um espirito novo. Dispertara anseios e aspirações que já se não podiam conter nos moldes estabelecidos. Fôra um incendio que se alastrara para além das fronteiras da França e invadira pouco a pouco todos os povos, desde os mais vizinhos até aos mais afastados. Vieram depois as guerras com o exterior, primeiro as da Revolução, em seguida as do Consulado e do Imperio. E cada um dos soldados dos exercitos invasores, que se espraiaram por todo o continente europeu até ás planicies nevadas da Russia, fôra mais um propagandista dos novos ideais, mais um apostolo desse espirito novo que surgira no seu país.

A Espanha provara como a sua terra recebera bem a semente que lhe haviam lançado fazendo explodir em 1810 a revolução de Cadiz, de que saira a nova constituição de 1812. Em Portugal os efeitos foram mais demorados. As doutrinas novas encontraram em Pina Manique um terrivel e tenacissimo inimigo. O energico Intendente da Policia fez todos os esforços para levantar ao longo das fronteiras do país outra muralha da China, em que esbarrassem os passos de todos os propagandistas que nele quisessem entrar. Tudo o que de longe lhe parecia suspeito ou inquinado de quaisquer ligações com os «Franças», os «Pedreiros livres», os agentes da «seita odiada» eram sacrificados sem piedade á sua paixão e sequestrados para se impedir o contágio do mal.

Todos esses esforços foram, porém, impotentes, e não obstante as execuções de 1817, três anos depois triunfava no Porto o movimento liberal. Os Constituintes de 1820, porém, com os seus casacos de briche, as almas de espartanos, os cerebros de iluminados, eram uns ideologos e visionarios sem forças para suster o edificio que haviam erguido.

A sua obra foi momentaneamente vencida, mas essa derrota originou um proximo e mais violento choque de ideias, a guerra civil que seis anos mais tarde se desenrolou em todo o Portugal e a que a entrada das tropas de D. Pedro em Lisboa, no dia 24 de julho de 1833, marcou de facto o desfecho.

Essa data tem assim uma altissima significação historica para o nosso país. Marca o inicio duma epoca que sagrou para sempre o respeito pelas liberdades e tornou impossivel, no campo legal, qualquer acto ou tentativa de despotismo.

Assinalando-a hoje, ao país prestamos mais uma vez homenagem aos principios que então triunfaram em Portugal.

EUROMILHÕES SORTEIO: 059/2024
CHAVE: 4-8-10-16-34 + 4-8
NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

PS pressiona Governo para descida imediata do IRS

ORÇAMENTO Montenegro desafia oposição após promulgação de diplomas por Marcelo. Ventura espera até janeiro, mas Pedro Nuno não quer "birras".

TEXTO **LEONARDO RALHA**

Minutos após o primeiro-ministro Luís Montenegro, que estava ontem numa visita a Angola, reagir à promulgação por Marcelo Rebelo de Sousa de sete diplomas da Assembleia da República, dizendo que cabe à oposição decidir se as tabelas de retenção do IRS devem ser atualizadas imediatamente, o secretário-geral do PS, Pedro Nuno Santos, afirmou que "se o Governo for coerente, vai refletir a redução do IRS já em 2024". E recusou o desafio do responsável pelo Executivo minoritário da Aliança Democrática, defendendo que "essa decisão não nos cabe a nós", sendo "uma decisão que esperamos que o Governo tome", acrescentando esperar que não haja "birras" por parte de Montenegro.

FILIPE AMORIM / AFP
Pedro Nuno Santos fez um apelo à "coerência" do Governo.

O Presidente da República comunicou ao final da tarde a promulgação de três decretos-lei relativos ao IRS (reduzindo a coleta de forma diferente da preconizada pelo Governo, que pretendia descidas maiores para os escalões de rendimentos mais elevados), bem como do decreto que aumenta a dedução de despesas com habitação no IRS. E ainda diplomas que revogam a contribuição extraordinária sobre imóveis em regime de alojamento local (único caso em que se tratava de uma iniciativa do Governo), alargam a taxa reduzida de IVA na eletricidade e eliminam portagens em lanços e sublanços de autoestradas do interior e onde não haja alternativas.

Na nota publicada no site oficial da Presidência da República, Marcelo sublinhou que esses sete diplomas "têm em comum uma dimensão financeira com impacto nas receitas do Estado", embora na descida do IVA na eletricidade, no fim das taxas de portagem nas autoestradas e nas deduções por habitação no IRS, esteja expresso que a entrada em vigor será a 1 de janeiro de 2025. No que toca aos diplomas relacionados com o IRS, Marcelo fez notar que "o momento da repercussão nas receitas do Estado está dependente de regulamentação do Governo, através da fixação das retenções na fonte, pelo que podem também só ter impacto no próximo ano orçamental". E abriu caminho para negociações entre AD, PS e Chega para o Orçamento do Estado para 2025, embora Pedro Nuno Santos tenha sublinhado que a promulgação "nada tenha a ver" com esse processo.

Por seu lado, Luís Montenegro disse ontem, em Angola, que o impacto financeiro das medidas promulgadas também terá efeitos "do ponto de vista das escolhas políticas" do Orçamento do Estado para 2025. Mas acabou por dizer que, caso seja essa a vontade da oposição, o Governo estará disposto para alterar as tabelas de retenção do IRS imediatamente. E, dirigindo-se ao PS e Chega, disse que os dois partidos "devem clarificar quais são as suas intenções".

Ainda antes do primeiro-ministro falou o presidente do Chega, André Ventura, que descreveu a promulgação dos diplomas como "uma vitória do país, que terá melhores condições a partir do próximo ano", sem se esquecer de sublinhar que o Parlamento assegurou que as mexidas no IRS não viessem "beneficiar os ricos". Mas assinalou de forma clara que está disposto a esperar até 2025, ao ponto de se referir a um "impacto real nos portugueses a partir de 1 de janeiro".

Também promulgado ontem pelo Presidente foi o diploma que isenta de Imposto Municipal sobre as Transmissões Onerosas e Imposto de Selo a compra de habitação própria e permanente por jovens até 35 anos. E ainda o diploma que estabelece a recuperação do tempo de serviço por parte dos educadores de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário.

BREVES

Montenegro elogia portugueses em Angola

O primeiro-ministro, Luís Montenegro, disse ontem que os portugueses devem continuar a ser um "motor de crescimento" em Angola, considerando que a comunidade está ao serviço daquele país, mas também de Portugal. "É um orgulho muito grande liderar um Governo de um país como o nosso e chegar aqui e ouvir do presidente deste país, dos ministros deste país, das instituições deste país, referências que ouvi daquilo que os portugueses aqui hoje fazem", disse o PM no final do seu primeiro dia de visita oficial a Luanda, dirigindo-se à comunidade portuguesa. Neste dia, Montenegro anunciou o reforço da linha de crédito Portugal-Angola em mais 500 milhões de euros e assumiu o objetivo de dar um "novo grande impulso" nas relações económicas. Do lado angolano, o presidente João Lourenço, quando questionado sobre o assunto das reparações históricas, disse que tal nunca se colocou, porque "teria de se mexer em muita coisa" e os países colonizadores não teriam capacidade de pagar "o justo valor" por elas.

AMPE ROGÉRIO / LUSA
Luís Montenegro e João Lourenço.

Fogo no Amoreiras Plaza leva a evacuar dois prédios

Um incêndio numa pastelaria no Centro Comercial Amoreiras Plaza, perto de Campo de Ourique, Lisboa, levou ontem à tarde à evacuação de dois edifícios contíguos, mas não fez feridos, segundo fonte dos Sapadores Bombeiros. Em declarações aos jornalistas, o comandante Sérgio Carvalho explicou que o incêndio começou naquela pastelaria e alastrou depois à zona da cozinha e a uma "área mais técnica, de ares condicionados, o que fez muito fumo". Sérgio Carvalho explicou que os dois edifícios contíguos foram evacuados por questões de segurança. O alerta para o incêndio foi dado às 18.18 e o fogo foi dado como extinto às 18:40.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt